

GLEISON FABIAN ROCHA

**NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE UM PROFESSOR SURDO
QUE CHEGOU EM UM MESTRADO EM EDUCAÇÃO**



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
CAMPO GRANDE/MS
2025**

GLEISON FABIAN ROCHA

**NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE UM PROFESSOR SURDO
QUE CHEGOU EM UM MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado do Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco (PPGE/UCDB), como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Educação

Linha de Pesquisa: Diversidade Cultural e Educação Indígena

Orientador: Prof. Dr. Heitor Queiroz de Medeiros



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
CAMPO GRANDE/MS
2025**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária Mourâmise de Moura Viana - CRB-1 3360

R672n Rocha, Gleison Fabian
Narrativas autobiográficas de um professor surdo
que chegou em um mestrado em educação/ Gleison Fabian
Rocha sob orientação do Prof. Dr. Heitor Queiroz de
Medeiros.-- Campo Grande, MS : 2025.
75 p.: il.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade
Católica Dom Bosco, Campo Grande - MS, 2025
Bibliografia: p. 73-75

1. Autobiografia. 2. Professor negro surdo. 3. Rondonópolis
(MT). 4. Mestrado em educação I. Medeiros, Heitor Queiroz
de. II. Título.

CDD: 923.7

**“NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE UM PROFESSOR SURDO QUE CHEGOU EM
UM MESTRADO EM EDUCAÇÃO”**

GLEISON FABIAN ROCHA

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Heitor Queiroz de Medeiros (PPGE/UCDB) Orientador e Presidente da Banca

Profª. Dra. Shirley Vilhalva (UFMS) Examinadora Externa

Prof. Dr. José Licínio Backes (PPGE/UCDB) Examinador Interno

Campo Grande/MS, 26 de fevereiro de 2025.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO – UCDB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MESTRADO E DOUTORADO

Dedico esta pesquisa, fruto de minha trajetória autobiográfica, à Comunidade Surda de Rondonópolis e à Associação dos Surdos de Rondonópolis (ASSUROO), bem como a todos os indivíduos que têm se empenhado na construção de uma educação mais justa, humana e emancipadora. Este trabalho é também um tributo aos meus amigos e colegas, e a todos os surdos que lutam pela inclusão e reconhecimento, compartilhando da mesma causa e perseverança.

AGRADECIMENTOS

Não poderia deixar de expressar a minha profunda gratidão à minha família, que sempre esteve ao meu lado ao longo desta jornada. Em especial, agradeço à minha mãe, *Neire Helena Rocha*, por sua paciência, incentivo, conforto e disposição para o diálogo, fundamentais para superar os desafios e seguir em frente. A sua presença constante foi uma força motriz que me permitiu continuar, mesmo nos momentos mais desafiadores.

Agradeço, também, ao meu padrasto, *Josino Gonçalves Rodrigues*; à minha irmã, *Paula Fabine Rocha Rodrigues*; e ao meu sobrinho, *Diego Guilherme Rodrigues Amaral*, por todo apoio, amor e incentivo que me proporcionaram ao longo desta jornada. Sem vocês, este sonho não teria se tornado realidade.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco (PPGE/UCDB), pela oportunidade de realizar este mestrado e por todos os importantes ensinamentos que nele obtive.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pela concessão da bolsa de estudos do Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições Comunitárias de Educação Superior (Prosuc), que financiou meus estudos.

Agradeço, também, à Secretaria Municipal de Educação (SEMED/MT) de Rondonópolis, pelo apoio que tive durante o mestrado.

Agradeço aos meus colegas e professores surdos que atuam em escolas municipais de Rondonópolis, Mato Grosso, pela parceria e trocas de experiências em todos os momentos de nossas atividades na educação com alunos surdos.

Agradeço ao meu orientador, *Prof. Dr. Heitor Queiroz de Medeiros*, pela competência, dedicação e amizade demonstrada durante a realização de todo o meu mestrado.

Agradeço ao Prof. Ms. *Taynan Alécio da Silva*, pela paciência e constante apoio na expansão de meu conhecimento. O seu trabalho como professor de Libras é exemplar e a sua atuação é uma inspiração para todos nós.

Agradeço, ainda, a todos os amigos e colegas do Departamento de Gestão de Educação Inclusiva, professores e alunos, que em mim confiaram e me incentivaram na busca pelos meus sonhos.

Por fim, agradeço aos profissionais TILS, *Michelle Dayane Moura, Lucinéia Ricardo de Souza e Cláudio Luiz Vasques dos Santos*, por sua contribuição fundamental para a acessibilidade e comunicação durante meus estudos. Foi bom compartilhar com vocês experiências de tradução e interpretação.

ROCHA, Gleison Fabian. NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE UM PROFESSOR SURDO QUE CHEGOU EM UM MESTRADO EM EDUCAÇÃO. Campo Grande, 2025. xx p. Dissertação (Mestrado). Universidade Católica Dom Bosco (UCDB).

RESUMO

Esta dissertação aborda as narrativas autobiográficas de um professor surdo que chegou em um mestrado em Educação. Crescer como um menino negro-surdo trouxe desafios e particularidades que moldaram a minha identidade e compreensão de mundo. A minha infância foi marcada pelo amor e cuidado dos meus, mas também por desafios que exigiram constante adaptação. A inserção em ambientes sociais, como escola e comunidade, muitas vezes se revelou árdua devido ao preconceito e a falta de compreensão sobre a surdez. Durante a minha adolescência, a falta de suporte para inclusão social de pessoas surdas na cidade onde cresci resultou em isolamento social, impactando profundamente em minha autoestima e desenvolvimento emocional. No entanto, a descoberta da Libras foi fundamental para a minha trajetória, pois a perspectiva bilíngue considera a Libras como primeira língua dos surdos e Língua Portuguesa como segunda língua. Os estudos desempenharam um papel central em meu desenvolvimento profissional e pessoal. Me tornei professor surdo concursado na Secretaria Municipal de Educação (SEMED/MT) de Rondonópolis, atuando como pedagogo no Ensino Fundamental para o Ensino de Libras. Atualmente, sou assessor pedagógico no Departamento de Gestão de Educação Inclusiva da SEMED. A trajetória de um professor surdo que alcançou o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco (PPGE/UCDB), no município de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, no final do ano de 2022, representou um marco significativo para mim, tanto em termos individuais quanto sociais, pois foi a realização de um sonho que parecia inatingível, alcançado através de determinação pessoal, apoio institucional e evolução das políticas de inclusão. Este percurso não foi fácil, mas foi possível graças à resiliência e inovação.

PALAVRAS-CHAVE: Autobiografia. Professor Negro Surdo. Rondonópolis/MT. Mestrado em Educação.

ROCHA, Gleison Fabian. **AUTOBIOGRAPHICAL NARRATIVES OF A DEAF TEACHER WHO REACHED A MASTER'S DEGREE IN EDUCATION**. Campo Grande, 2025. xx p. Dissertation (Master's Degree). Catholic University Dom Bosco (UCDB).

ABSTRACT

This dissertation addresses the autobiographical narratives of a Deaf teacher who reached a master's degree in Education. Growing up as a Black-Deaf boy brought challenges and particularities that shaped my identity and worldview. My childhood was marked by the love and care of my family, but also by challenges that required constant adaptation. Being included in social environments, such as school and community, was often difficult due to prejudice and the lack of understanding about deafness. During my adolescence, the lack of support for the social inclusion of Deaf people in the city where I grew up resulted in social isolation, deeply impacting my self-esteem and emotional development. However, the discovery of Libras (Brazilian Sign Language) was fundamental to my journey, as the bilingual perspective recognizes Libras as the first language of Deaf individuals and Portuguese as the second language. Education played a central role in my professional and personal development. I became a certified Deaf teacher through the Municipal Department of Education (SEMED/MT) in Rondonópolis, working as a pedagogue in Elementary Education for the teaching of Libras. Currently, I serve as a pedagogical advisor in the Department of Inclusive Education Management at SEMED. The journey of a Deaf teacher who achieved a master's degree in the Postgraduate Program in Education at the Catholic University Dom Bosco (PPGE/UCDB), in the city of Campo Grande, Mato Grosso do Sul, at the end of 2022, represented a significant milestone for me, both individually and socially. It was the realization of a dream that once seemed unattainable, made possible through personal determination, institutional support, and the evolution of inclusion policies. This path was not easy, but it was made possible through resilience and innovation.

KEYWORDS: Autobiography. Black and Deaf Teacher. Rondonópolis (MT). Master's in Education.

LISTA DE FOTOS

Foto 1 - Com a minha mãe, com aproximadamente 3 anos.....	20
Foto 2 - Com aproximadamente 3 anos.....	20
Foto 3 - Na escola, com aproximadamente 7 anos.....	30
Foto 4 - Formatura no Ensino Médio. Colégio Isaac Newton, Cuiabá/MT.....	43
Foto 5 - Com dois colegas em minha formatura do Ensino Médio, no Colégio Isaac Newton.....	44
Foto 6 - Recebendo o diploma na formatura do Ensino Médio, no Colégio Isaac Newton.....	44
Foto 7 - Com colegas de trabalho na Secretaria Municipal de Educação de Rondonópolis.....	63
Foto 8 - No trabalho. Escola Municipal Derci Rodrigues de Almeida, na Zona Rural de Rondonópolis.....	64
Foto 9 - No trabalho. EMEI Cora Coralina.....	64
Foto 10 - No trabalho. Escola Municipal Renilda Soares.....	65
Foto 11 - Em sala de aula, com colegas e professor no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco (PPGE/UCDB).....	66
Foto 12 - Participação em atividade online do Grupo de Pesquisa Diversidade Cultural, Educação Ambiental e Arte, com intérprete.....	69
Foto 13 - Participação em Colóquio do Grupo de Pesquisa Diversidade Cultural, Educação Ambiental e Arte, com intérprete.....	69
Foto 14 - Intérprete de Libras em Seminário de Pesquisa.....	70
Foto 15 - Em atividade de orientação de mestrado.....	71
Foto 16 - Em atividade de orientação de mestrado.....	71

LISTAS DE SIGLAS

AEE - Atendimento de Educação Especializado

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

FAFI - Faculdade Instituto Bom Jesus de Cuiabá

LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais

MT - Mato Grosso

MS - Mato Grosso do Sul

PPGE - Programa de Pós-Graduação em Educação

PROSUC - Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições Comunitárias de Educação Superior

SEMED - Secretaria Municipal de Educação

UCDB - Universidade Católica Dom Bosco

UNIASSELVI - Centro Universitário Leonardo da Vinci

ASSUROO - Associação de Surdos de Rondonópolis

CEAADA - Centro Estadual de Atendimento e Apoio ao Deficiente Auditivo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 - A AUTOBIOGRAFIA COMO METODOLOGIA.....	14
2 - MEUS PAIS E SEUS CUIDADOS COM UM FILHO ESPECIAL: MINHA INFÂNCIA DE MENINO NEGRO SURDO.....	18
3 - SER SURDO E NEGRO EM UMA SOCIEDADE EXCLUIDENTE.....	23
3.1 MINHA ADOLESCÊNCIA EM UMA CIDADE NÃO ACOLHEDORA PARA PESSOAS COMO EU.....	23
4 - OS ESTUDOS COMO CAMINHO PARA A SUPERAÇÃO.....	30
4.1 ADENTRANDO NA EDUCAÇÃO INFANTIL E NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	30
4.2 MEU ENCONTRO COM A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS).....	35
4.3 MEUS DESAFIOS NO ENSINO MÉDIO.....	41
5 - VIDA DE ADULTO NEGRO SURDO.....	45
5.1 EU COMO CIDADÃO ADULTO DIFERENTE DA MAIORIA DOS QUE CONVIVEM COMIGO.....	45
5.2 EU SURDO NEGRO CHEGANDO NA UNIVERSIDADE: DESAFIOS E SUPERAÇÕES NAS GRADUAÇÕES E ESPECIALIZAÇÕES.....	47
6 - ME TORNEI UM PROFESSOR SURDO CONCURSADO NA SEMED DO MUNICÍPIO DE RONDONÓPOLIS, EM MATO GROSSO.....	58
7 - UM PROFESSOR SURDO CHEGA EM UM MESTRADO EM EDUCAÇÃO: A CONQUISTA DE UM SONHO.....	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
REFERÊNCIAS.....	73

INTRODUÇÃO

Ao analisar a história da educação no Brasil, podemos observar que a sua estrutura consiste em modelos europeus, nos quais, mesmo no ensino público, o acesso à educação ocorre de modo desigual. Segundo Boff (2002, p. 62), embora tenha havido uma série de esforços para reestruturar o currículo ao longo da história, sempre ocorreu privilégios de uma "população branca e masculina".

Desse modo, como sujeito surdo, acredito ser fundamental pensarmos no processo de formação de professores e na transformação de suas práticas, de modo a tornar esse processo mais humanizado, democrático, igualitário e eficaz. Portanto, olhar para a minha própria história me parece uma forma de dar visibilidade para a importância da educação na vida de uma pessoa surda em nossa sociedade.

Nesse contexto, podemos entender que os professores surdos bilíngues desempenham um papel crucial na promoção de uma educação inclusiva na perspectiva da educação bilíngue, uma vez que possuem fluência tanto na Língua Brasileira de Sinais (Libras) quanto na Língua Portuguesa.

O município de Rondonópolis, Mato Grosso (MT), onde vivo e sou professor concursado na Secretaria Municipal de Educação (SEMED/MT), é uma região com uma comunidade surda significativa.

Portanto, minha autobiografia visa incentivar outros surdos a ousarem e proporcionarem, por meio de suas potencialidades, novas formas de aprender e ensinar.

Após idas e vindas em minha formação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco (PPGE/UCDB), cheguei a conclusão de que a minha maior contribuição como pesquisador seria trazer o relato da minha própria história, dos desafios e oportunidades vividos por um cidadão negro surdo, optando por trabalhar com o método da autobiografia.

Para chegar a essa conclusão, foram fundamentais as leituras realizadas durante as disciplinas que cursei no primeiro ano do mestrado, especialmente as obras de autores do campo dos Estudos Culturais, como Stuart Hall (2003, 2000, 1997) e Homi Bhabha (1998), bem como as contribuições de autores do Grupo Modernidade/Colonialidade.

Da mesma forma, foram especialmente relevantes as contribuições de autores que abordam o tema da autobiografia, como Bueno (2002), Marques e Satriano (2017), Passeggi, Souza e Vicentini (1997), Santos, Estevan e Martins (2018) e Silva e Amori (2019).

Naturalmente, busquei estudar autores que abordam a educação de surdos, como Rocha (2017), Mendes, Figueiredo e Ribeiro (2015), Quadros e Perlin (1997, 2007) e Goldfeld (2002), bem como aqueles que se dedicam aos estudos específicos sobre o ensino e aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais (Libras), como Fernandes (2004) e Gesser (2009), além de obras sobre vida e formação, como a de Joso (2004).

1 - A AUTOBIOGRAFIA COMO METODOLOGIA

Essa dissertação se enquadra no contexto de uma pesquisa qualitativa que, segundo Gil (2002), é um tipo de pesquisa que busca compreender fenômenos complexos, explorando significados, motivações e características subjacentes por meio de uma abordagem interpretativa e descritiva. Este método valoriza a subjetividade e a profundidade na análise dos dados.

A pesquisa qualitativa envolve uma abordagem mais flexível e aberta, permitindo aos pesquisadores explorarem profundamente as experiências, as percepções e os contextos dos participantes. Ela frequentemente utiliza técnicas, como, entrevistas, observação participante e análise de documentos para produzir dados ricos e detalhados.

Nesse foco da pesquisa qualitativa, a minha dissertação de mestrado está embasada na autobiografia que, segundo Bueno (2002),

Tratando-se de um campo relativamente novo, um exame de conjunto quanto ao que se tem produzido mostra-se importante, uma vez que é mediante a explicitação das potencialidades das abordagens autobiográficas e do exame de seus limites que se pode discutir e ponderar sobre a relevância de seu emprego com os diferentes grupos focalizados. (Bueno, 2002, p. 21)

A autobiografia é caracterizada como um método de pesquisa qualitativa onde o sujeito narra a sua própria história, oferecendo uma visão introspectiva e reflexiva sobre experiências e processos internos. Este método é particularmente relevante para o estudo das narrativas de professores surdos, pois possibilita que suas vozes, frequentemente marginalizadas, sejam ouvidas e valorizadas.

A autobiografia registra eventos, expressa emoções, pensamentos e interpretações, fornecendo um relato multifacetado e profundo da vida do indivíduo.

A autobiografia, conforme delineada por diversos estudiosos, oferece uma lente privilegiada para explorar a profundidade e a complexidade das vivências individuais,

permitindo uma compreensão mais rica e detalhada das trajetórias pessoais. Segundo Morais; Bragança (2021):

Assim, a pesquisa (auto)biográfica em educação tem, nos movimentos formativos, a especificidade de seu projeto *epistemopolítico*. As experiências vividas vão tecendo, em dinâmicas singulares-plurais, uma figura de si e do nós em permanente devir, e a biografização, nas suas diversas formas de expressão, orais, escritas, imagéticas, favorece uma reflexividade potencialmente formadora. Na pesquisa (auto)biográfica a tessitura e a compreensão das fontes narrativas geram movimentos potencialmente formadores. (Morais; Bragança, 2021, p. 5)

Portanto, as narrativas autobiográficas de um professor surdo que vive e trabalha em Rondonópolis, Mato Grosso, propõem-se a desvelar experiências educacionais, culturais e sociais deste docente, a partir de sua perspectiva única e pessoal.

Nos textos estudados, a autobiografia é descrita como uma perspectiva em primeira pessoa, na qual o narrador se posiciona como autor e protagonista de sua própria história. Esse formato narrativo permite uma expressão autêntica e singular das experiências vividas, destacando a subjetividade e a identidade do sujeito narrador.

A autobiografia, portanto, vai além da mera descrição factual, incorporando a interpretação pessoal e emocional dos eventos, o que enriquece a compreensão do leitor sobre a vivência do autor.

Ao aplicar a metodologia autobiográfica, busquei explorar vários aspectos de minha trajetória de vida. Isso inclui a minha formação acadêmica, os desafios enfrentados no ambiente escolar, as estratégias de superação adotadas e a construção de minha identidade profissional e pessoal. Para Silva; Amorim (2019).

[...] a autobiografia pode ser entendida como um ato de recordação/narrativa em que o escritor, a partir de certo ponto de sua vida presente, olha os eventos do passado, a fim de relatá-los, de forma a mostrar como esse passado o constitui no presente estado de ser. (Silva; Amorim, 2019, p. 23).

Portanto, essa dissertação visa mostrar como a surdez influenciou as minhas experiências educacionais e de que maneira tem contribuído para a inclusão e a valorização da comunidade surda no contexto educacional.

Um dos conceitos centrais da autobiografia é a ideia de reconstrução da trajetória de vida. Este processo envolve a revisitação e a reinterpretação de eventos passados à luz de novas compreensões e perspectivas. Essa reconstrução autobiográfica permite um olhar retrospectivo e uma reavaliação crítica sobre minhas experiências, possibilitando a

identificação de momentos-chave que moldaram a minha identidade e trajetória profissional. Passeggi; Souza; Vicentini (2011) afirmam que:

Os desafios lançados para a consolidação da pesquisa (auto)biográfica no campo educacional brasileiro são, portanto, múltiplos, principalmente quando se considera a diversificação de abordagens, a amplitude de suas temáticas e as possibilidades de entradas oferecidas pelo trabalho com as escritas de si na contemporaneidade, nas Ciências Humanas e Sociais. (Passeggi; Souza; Vicentini, 2011, p. 382)

Além disso, a autobiografia destaca a importância do contexto sociocultural na formação da narrativa pessoal. No meu caso, esse contexto inclui tanto as especificidades culturais e sociais da região de Mato Grosso quanto as particularidades da comunidade surda que lá vive.

A interação entre esses contextos oferece um pano de fundo rico para a compreensão de minhas experiências, revelando como elementos culturais, sociais e institucionais influenciam e são influenciados pela minha vivência e atuação docente.

A autobiografia também enfatiza a dimensão dialógica da narrativa, onde o ato de contar a própria história implica uma interação contínua entre o narrador e o seu público.

Ao abordar as minhas narrativas, é essencial considerar a dimensão emancipatória da autobiografia. A construção e a partilha de minha história pessoal me proporciona uma forma de resistência e afirmação de minha identidade, desafiando estereótipos e preconceitos.

A autobiografia torna-se, assim, um meio poderoso de empoderamento, oferecendo ao sujeito narrador a oportunidade de reivindicar sua voz e seu lugar na sociedade.

Assim, as narrativas autobiográficas não se limitam à documentação de minha trajetória pessoal, ela busca revelar como minhas experiências individuais refletem e interagem com questões mais amplas relacionadas à educação inclusiva, aos direitos das pessoas com deficiência e à valorização da diversidade cultural e linguística. Nesse sentido, Pinto; Pena (2023) afirmam:

Assim, as narrativas (auto)biográficas com o embasamento teórico do método (auto)biográfico utilizadas para compor uma análise com ênfase nas narrativas de histórias de vida pessoais /profissionais de professores pode revelar a constituição de diversos aspectos de interesse de uma investigação educacional., haja vista que a escolha desse método qualitativo, que vai além das metodologias qualitativas tradicionais, viabiliza o diálogo, a análise e a discussão sobre diversos aspectos que auxiliam na formação de professores. (Pinto; Pena, 2023, p. 3)

Através da autobiografia, espero contribuir para uma compreensão mais profunda e abrangente das realidades vividas por professores surdos, promovendo maior conscientização e sensibilidade em relação às suas necessidades e potencialidades no campo educacional.

Entendo que a autobiografia proporciona um quadro teórico e metodológico robusto para a investigação das minhas experiências de vida, inclusive como um professor surdo que vive e trabalha em Rondonópolis, Mato Grosso.

Ao valorizar a perspectiva em primeira pessoa, a reconstrução reflexiva da trajetória de vida e a dimensão dialógica da narrativa, esta abordagem permite uma exploração rica e detalhada das complexidades e singularidades que caracterizam a minha trajetória educacional e profissional.

Acredito que minhas narrativas nessa dissertação contribuem para a valorização e a inclusão da comunidade surda e enriquecem o campo da educação com percepções valiosas e transformadoras.

É fundamental reconhecer que a educação inclusiva, sob uma perspectiva bilíngue, como evidenciado em minha história de vida, constitui um tema relevante e desafiador, que permanece atual, visando garantir oportunidades iguais de aprendizagem para todos os alunos, incluindo aqueles com deficiência auditiva.

Nesse sentido, minha dissertação é um diálogo comigo mesmo, que traz minhas experiências e minha história de vida, desde as minhas origens até o momento atual, em que sou aluno de mestrado, buscando dar ênfase aos desafios que um surdo enfrenta em uma sociedade que reluta em dialogar com as diferenças.

Busco demonstrar como a educação, tanto no contexto familiar quanto escolar, foi um suporte fundamental para superar os desafios que enfrentei ao longo da minha trajetória, possibilitando minha chegada ao mestrado em Educação.

2 - MEUS PAIS E SEUS CUIDADOS COM UM FILHO ESPECIAL: MINHA INFÂNCIA DE MENINO NEGRO SURDO

Nasci em Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso (MT), e vim ao mundo com surdez profunda bilateral devido à rubéola que minha mãe contraiu durante a gravidez. Essa condição trouxe muitas dificuldades para minha infância, especialmente porque eu não conhecia a linguagem dos sinais.

Um dos primeiros eventos marcantes na minha vida foi a descoberta da minha surdez. Lembro-me de ter apenas quatro anos quando meus pais perceberam que eu não respondia a sons ou ao meu nome. Após várias consultas médicas, o diagnóstico de surdez foi confirmado. Essa notícia foi um choque para minha família, mas eles rapidamente se mobilizaram para encontrar maneiras de me ajudar a me desenvolver plenamente.

As maiores barreiras que enfrentei sempre estiveram relacionadas à dificuldade de comunicação e oralização. Ainda assim, com muito esforço e apoio da minha mãe, consegui desenvolver a fala já na vida adulta. Embora minha fala não seja completamente nítida, é compreensível.

A experiência de crescer como um menino negro surdo me trouxe uma série de desafios e particularidades que moldaram tanto a minha identidade individual quanto a minha compreensão de mundo.

A trajetória dos cuidados parentais, nesse contexto, assume um papel fundamental, especialmente quando se trata de pais dedicados e amorosos que se empenham em proporcionar as melhores condições para o desenvolvimento de um filho com necessidades especiais.

Minha mãe, Neire Rocha, e meu padrasto, Josino Gonçalves Rodrigues, foram figuras centrais em minha vida, desempenhando um papel vital na minha formação e na superação dos obstáculos impostos por minha condição.

Desde os primeiros sinais de surdez, ainda na infância, seus esforços foram direcionados não apenas para a minha inclusão no ambiente familiar, mas também para garantir que eu tivesse acesso às oportunidades educativas e sociais necessárias para meu crescimento.

É preciso reconhecer que o contexto racial e socioeconômico influenciam significativamente as experiências de uma família com um filho surdo. No caso específico de uma família negra, as barreiras são frequentemente ampliadas devido ao racismo estrutural e às desigualdades históricas presentes na sociedade.

Meus pais enfrentaram esses desafios com uma resiliência admirável, empenhando-se em construir um ambiente de apoio e compreensão.

Minha mãe, com sua ternura e dedicação inabaláveis, tornou-se a principal intermediária entre eu e o mundo exterior. Desde cedo, ela se esforçou para aprender a língua de sinais, compreendendo que essa seria a principal ferramenta de comunicação entre nós.

Através de sua paciência e insistência, fui capaz de desenvolver habilidades de comunicação que me permitiram interagir com meus pares e explorar o mundo ao meu redor. Ela também foi uma defensora incansável dos meus direitos educacionais, lutando para que eu tivesse acesso a uma educação inclusiva e de qualidade, mesmo diante de um sistema educacional muitas vezes despreparado para lidar com a diversidade.

Meu pai, por sua vez, desempenhou um papel crucial ao proporcionar um modelo de força e perseverança. Trabalhando longas horas como garçom para sustentar a família, ele também se empenhou em participar ativamente do meu desenvolvimento. Por meio de gestos simples, mas significativos, como a adaptação da nossa casa para torná-la mais acessível, e a participação em reuniões escolares e eventos comunitários, ele demonstrou um comprometimento inabalável com meu bem-estar.

A minha infância, marcada por essas demonstrações de cuidado e amor, também foi permeada por desafios que exigiram uma constante adaptação. A inserção em ambientes sociais, como a escola e a comunidade, muitas vezes se revelou um terreno árduo, onde o preconceito e a falta de compreensão sobre a surdez impunham barreiras adicionais.

Meus pais, no entanto, nunca permitiram que essas dificuldades definissem minhas possibilidades. Eles incentivaram minha participação em atividades extracurriculares, como esportes e grupos de estudo, sempre buscando formas de me integrar e me proporcionar experiências enriquecedoras.

Foto 1 - Com a minha mãe, com aproximadamente 3 anos.



Fonte: Acervo do autor.

Foto 2 - Com aproximadamente 3 anos.



Fonte: Acervo do autor.

Além do apoio emocional e prático, meus pais desempenharam um papel fundamental na construção da minha autoestima e identidade. Eles me ensinaram a valorizar minha cultura e herança, e a ter orgulho da minha identidade como um homem negro surdo.

Através de histórias familiares, tradições culturais e um envolvimento ativo na comunidade negra, eles me ajudaram a construir uma base sólida de quem eu sou e do que posso alcançar.

A narrativa de cuidados e dedicação dos meus pais não seria completa sem mencionar o apoio da rede familiar e comunitária. Meus avós, tios e vizinhos também desempenharam papéis importantes, oferecendo apoio e amor incondicional. Esta rede de suporte foi crucial para meu desenvolvimento, proporcionando um ambiente de acolhimento e compreensão.

Na reflexão sobre a minha infância, a admiração e a gratidão pelos meus pais são sentimentos predominantes. Eles não apenas cuidaram de mim de maneira excepcional, mas também desafiaram as limitações impostas pela sociedade e pela condição de surdez. Sua resiliência, amor e dedicação foram fundamentais para a minha formação e para que eu pudesse alcançar os meus objetivos.

A trajetória de um menino negro surdo é repleta de desafios, mas também de momentos de superação e crescimento. Meus pais, através de seu amor incondicional e cuidados dedicados, foram os pilares que sustentaram minha jornada, proporcionando-me as ferramentas e o apoio necessários para enfrentar e superar os obstáculos ao longo do caminho.

As suas histórias de cuidado são um testemunho do poder transformador da família e do impacto duradouro que pais dedicados podem ter na vida de um filho com necessidades especiais.

Foi aos 10 anos, por insistência de minha mãe, que decidi aprender Libras. Foi então que finalmente comprehendi que se tratava de uma língua, uma forma de me comunicar com as outras pessoas, o que criou novas perspectivas em minha vida. A partir daí, eu aprendi a ler e voltei a estudar, o que me permitiu adquirir novos conhecimentos e abrir minha mente.

Anteriormente, eu tinha dificuldade com o português. Foi após aprender Libras que comecei a entender melhor a língua. Embora a Libras seja mais confortável para mim agora, antes de aprender, as pessoas muitas vezes se divertiam à minha custa, dizendo que a minha língua era de outro país. Eu não sabia como explicar que eu era surdo ou deficiente auditivo. Aprender Libras foi um divisor de águas para mim, pois me permitiu me comunicar de forma mais eficaz e entender melhor o mundo ao meu redor.

Foi então que comprehendi os motivos que levaram minha mãe a me apresentar o caminho da Libras. Ela foi fundamental no meu aprendizado, ensinando-me a fazer leitura

labial e a gesticular. No início, foi um processo desafiador, mas graças à sua paciência e persistência, eu consegui progredir. Eu devo muito a ela, pois sua dedicação e apoio foram essenciais para o meu desenvolvimento. A Libras é fundamental para as pessoas com deficiência auditiva, pois oferece uma forma de comunicação eficaz e acessível.

Eu mesmo enfrento desafios com a leitura labial, pois muitas pessoas falam rapidamente ou com a boca fechada, o que dificulta a compreensão. Além disso, tenho dificuldade em entender filmes dublados, jornais na TV, novelas, cinema e teatro, a menos que haja legendas.

Até a adolescência, estudei com estudantes sem deficiência, mas enfrentei muitas dificuldades, incluindo quatro reprovações na 5^a série do primário. No entanto, em vez de desanimar, essas experiências me motivaram a superar as barreiras. Eu fiquei com tanta raiva que estudei mais ainda. Depois que eu aprendi Língua Brasileira de Sinais (Libras), ficou melhor. Mas eu sempre quis estudar.

Até hoje, devido à minha dificuldade com o português, preciso me esforçar muito para ler e compreender textos, especialmente em concursos e cursinhos preparatórios para vestibulares, onde encontro dificuldades em obter notas altas.

3 - SER SURDO E NEGRO EM UMA SOCIEDADE EXCLUIDENTE

3.1 MINHA ADOLESCÊNCIA EM UMA CIDADE NÃO ACOLHEDORA PARA PESSOAS COMO EU

A adolescência é um período crítico na formação da identidade e na consolidação de experiências sociais e educacionais. No entanto, para um adolescente negro surdo em uma cidade não acolhedora, esses anos são marcados por desafios e dificuldades singulares. Este relato busca explorar as múltiplas dimensões dessa fase da minha vida, abordando as barreiras impostas por um ambiente hostil e a resiliência necessária para superar tais obstáculos.

A cidade de Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso, caracterizada por uma estrutura social pouco inclusiva e por um sistema educacional deficitário no que concerne às necessidades especiais, se apresentou, desde cedo, como um ambiente adverso.

Durante minha adolescência, a cidade onde cresci não oferecia suporte significativo para a inclusão social de pessoas surdas. Os espaços públicos, os serviços de saúde e os programas de lazer e cultura raramente possuíam adaptações ou acessibilidade para surdos. Essa exclusão sistemática resultava em um isolamento social que impactou profundamente a minha autoestima e o desenvolvimento emocional. A interação social, fundamental para qualquer adolescente, era limitada pela falta de compreensão e aceitação por parte da comunidade.

O preconceito racial exacerbou as dificuldades enfrentadas. A cidade, marcada por uma desigualdade racial histórica, apresentava poucas oportunidades para a população negra. O racismo, manifestado de forma sutil e explícita, permeava as interações sociais e institucionais. A combinação de ser negro surdo me inseria em uma dupla condição de vulnerabilidade, tornando a luta por reconhecimento e inclusão ainda mais árdua.

Para superar esses desafios, tive que buscar meios alternativos de aprendizagem e socialização. As minhas lembranças desse período incluem momentos de criatividade e resiliência na busca por formas de me conectar com o mundo ao meu redor.

Me lembro de passar horas na biblioteca pública, que se tornou um refúgio para mim. Embora os materiais não fossem adaptados para surdos, encontrei maneiras de aprender através de livros e recursos visuais. A leitura se tornou uma paixão e uma forma de expandir meus conhecimentos e minha imaginação, compensando a falta de acessibilidade em outros aspectos da vida.

A ausência de políticas públicas eficazes para a inclusão de pessoas com deficiência, aliada ao racismo estrutural, configurou uma realidade desafiadora para a minha adolescência. A falta de preparo das instituições educacionais e a escassa sensibilização da comunidade local quanto às questões da surdez e da diversidade racial impuseram barreiras significativas ao meu desenvolvimento.

No âmbito escolar, as dificuldades foram inúmeras. A maioria das escolas não possuía profissionais capacitados em Língua Brasileira de Sinais (Libras) ou recursos adequados para o ensino de estudantes surdos. As salas de aula, geralmente superlotadas, não proporcionaram o ambiente necessário para uma educação inclusiva e eficaz. A comunicação, elemento fundamental no processo de aprendizagem, tornava-se um desafio constante. A falta de intérpretes e de materiais adaptados resultava em uma experiência educacional fragmentada e insuficiente.

Os professores, em sua maioria, careciam de formação específica para lidar com a surdez, o que se refletia em práticas pedagógicas excludentes. Muitos demonstravam falta de compreensão e paciência, o que agravava ainda mais a sensação de isolamento e inadequação. A ausência de estratégias pedagógicas inclusivas e de apoio individualizado contribuía para um desempenho acadêmico além do esperado; não por falta de capacidade, mas devido à ausência de condições adequadas de aprendizagem.

Lembro-me que a cidade onde cresci, Cuiabá/MT, não era nada acolhedora para pessoas como eu. Era um lugar pequeno, com uma comunidade fechada e pouca diversidade. Ser surdo negro ali significava enfrentar uma série de barreiras diariamente. Na escola, muitas vezes me sentia isolado. A comunicação era um grande desafio, já que poucos sabiam ou se interessavam por aprender Libras. Além disso, o preconceito racial era algo constante. Lembro-me de incidentes em que fui discriminado tanto por ser surdo quanto por ser negro.

Apesar das dificuldades, havia momentos de resiliência e superação. Encontrei apoio em alguns professores que se esforçaram para me incluir e em amigos que aceitaram e

respeitaram minhas diferenças. Essas pessoas foram fundamentais para o meu crescimento e para a formação da minha identidade. Essas experiências me ensinaram muito sobre perseverança e me mostraram a importância de lutar por uma sociedade mais inclusiva. Hoje, olho para trás com a certeza de que, apesar dos desafios, essas vivências me fortaleceram e me prepararam para enfrentar o mundo com coragem e determinação. Conforme Lunardi-Lazzarin, M. L; Marostega, (2012):

Relacionar a surdez com a pedagogia da diferença significa colocar em suspeição os próprios conceitos de diferença e diversidade. [...] Neste contexto, buscaremos problematizar a forma como a surdez é produzida, sendo então compreendida muito mais como uma diversidade cultural que como uma diferença política. (Lunardi-Lazzarin, M. L; Marostega, 2012. p. 225).

Além do ambiente escolar, a cidade como um todo não oferecia suporte significativo para a inclusão social de pessoas surdas. Os espaços públicos, os serviços de saúde e os programas de lazer e cultura raramente possuíam adaptações ou acessibilidade para surdos. Essa exclusão sistemática resultava em um isolamento social que impactou profundamente a minha autoestima e o desenvolvimento emocional. A interação social, fundamental para qualquer adolescente, era limitada pela falta de compreensão e aceitação por parte da comunidade.

As minhas lembranças desse período são marcadas por sentimentos de exclusão e frustração. Era difícil participar de atividades sociais e culturais porque não havia intérpretes de Libras ou qualquer tipo de assistência. Me sentia invisível em muitos lugares, como se a minha presença não importasse. Isso me levou a me fechar e a evitar situações em que sabia que seria tratado com indiferença ou preconceito.

Me lembro de ocasiões específicas em que a falta de acessibilidade se tornava particularmente dolorosa. Uma vez fui ao hospital, e sem intérpretes a comunicação com os médicos foi extremamente difícil. Era angustiante tentar explicar os meus sintomas através de gestos e expressões faciais, e sentia que não estava sendo compreendido adequadamente.

Nas poucas vezes que consegui participar de eventos culturais, como peças de teatro ou exposições, a falta de legendas ou recursos visuais apropriados tornava a experiência frustrante. Enquanto os meus colegas podiam desfrutar e discutir sobre o evento, eu ficava à margem sem poder compartilhar plenamente daquela vivência.

Apesar desses desafios, houve momentos de solidariedade e apoio que ficaram marcados na minha memória. Algumas pessoas, ao perceberem a minha situação, se esforçavam para ajudar, tentando aprender um pouco de Libras ou encontrando maneiras

alternativas de comunicação. Essas ações, embora pequenas, tiveram um grande impacto positivo na minha vida.

Essas lembranças são importantes porque me ajudaram a entender a necessidade de lutar por uma sociedade mais inclusiva e acessível. Elas me ensinaram a valorizar a empatia e a importância de cada indivíduo ser visto e ouvido. Hoje, eu uso essas experiências para inspirar outras pessoas a promoverem mudanças significativas em suas comunidades.

O preconceito racial, concomitantemente, exacerbou as dificuldades enfrentadas. A cidade, marcada por uma desigualdade racial histórica, apresentava poucas oportunidades para a população negra. O racismo, manifestado de forma sutil e explícita, permeava as interações sociais e institucionais. A combinação de ser negro surdo me inseria em uma dupla condição de vulnerabilidade, tornando a luta por reconhecimento e inclusão ainda mais árdua.

Minhas lembranças desse período incluem várias situações em que o preconceito racial estava presente. Me lembro de uma vez em que, ao entrar em uma loja, fui seguido pelo segurança, que presumiu que eu estava lá para roubar. A experiência foi humilhante e dolorosa, destacando o racismo explícito que muitos negros enfrentam diariamente.

Na escola, além dos desafios de comunicação, havia a questão racial. Em muitas ocasiões, eu era tratado de maneira diferente pelos professores e colegas por causa da minha cor. Comentários racistas, embora frequentemente velados, eram comuns. Essa discriminação não só afetava a minha autoestima, mas também meu desempenho acadêmico, pois me sentia constantemente desvalorizado e desencorajado.

Uma situação específica que me marcou foi durante uma competição escolar. Eu tinha me esforçado muito para participar, mas no dia do evento, fui deixado de lado em várias atividades, tanto pela minha surdez quanto pela cor da minha pele. A sensação de exclusão era esmagadora e me fez questionar o meu valor e lugar na sociedade.

As instituições públicas também não ofereciam suporte adequado. Nas vezes que precisei de assistência social ou serviços de saúde, sentia que a minha dupla condição de vulnerabilidade não era reconhecida. Fui tratado com descaso e, muitas vezes, tive que lutar para ser atendido de maneira justa. Uma vez, no hospital, além de não ter intérpretes de Libras, fui tratado com desconfiança por ser negro, o que tornou a experiência ainda mais traumática.

Essas experiências foram profundamente importantes e moldaram a minha visão sobre justiça social e igualdade. A luta por reconhecimento e inclusão era constante e desgastante, mas também me ensinou a importância da resiliência e da solidariedade. Pessoas que, apesar

de tudo, me ofereceram apoio e compreensão foram fundamentais para que eu superasse esses desafios.

Hoje, ao relembrar desses momentos, percebo como eles contribuíram para a minha formação e determinação em lutar por uma sociedade mais inclusiva e justa. Essas memórias me motivam a compartilhar a minha história e a trabalhar para que futuras gerações não precisem enfrentar os mesmos obstáculos.

Outra lembrança marcante é a descoberta da tecnologia como ferramenta de comunicação e aprendizado. Utilizava o computador para acessar conteúdos educativos e aprender mais sobre o mundo. A internet abriu portas para novas oportunidades de conhecimento e interação, permitindo a minha conexão com outras pessoas surdas e negras, trocando experiências e aprendendo com elas.

Apesar das adversidades, a resiliência desenvolvida durante esse período foi crucial. A busca por meios alternativos de aprendizado e de socialização se tornou uma constante. A internet e outros recursos tecnológicos surgiram como ferramentas importantes para a aquisição de conhecimento e conexão com outros surdos, tanto dentro quanto fora da cidade. Participar de comunidades online voltadas para surdos possibilitou uma troca de experiências e de informações valiosas, atenuando a sensação de isolamento linguístico principalmente em língua de sinais.

Para socializar, frequentei grupos e associações voltadas para a comunidade surda. Nessas reuniões, me senti acolhido e compreendido linguisticamente. Fiz amizades duradouras e encontrei apoio emocional e social que me ajudou a enfrentar as dificuldades do dia a dia. Essas interações foram fundamentais para o meu desenvolvimento pessoal e social, oferecendo um espaço seguro onde eu podia ser eu mesmo.

A busca por meios alternativos de socialização também incluiu a prática de esportes e atividades culturais. Participar de clubes esportivos e grupos de dança me permitiu expressar minhas habilidades e talentos, apesar das barreiras impostas pela falta de acessibilidade e pelo racismo. Essas atividades me proporcionaram um senso de pertencimento e me ajudaram a desenvolver a minha confiança e autoestima.

Um fato específico que me marcou foi a criação de um grupo de estudo com alguns amigos que também enfrentavam dificuldades semelhantes. Juntos, nos reuníamos para estudar, trocar conhecimentos e nos apoiar mutuamente. Essa iniciativa não só melhorou o nosso desempenho acadêmico, mas também fortaleceu os nossos laços de amizade e solidariedade.

Essas experiências de busca por meios alternativos de aprendizagem e socialização me ensinaram a importância da resiliência e da criatividade na superação de obstáculos. Elas também reforçaram o meu compromisso em lutar por uma sociedade mais inclusiva e justa para todos.

A minha família, uma vez mais, desempenhou um papel central no enfrentamento desses desafios. O apoio incondicional dos meus pais e irmãos forneceu a base emocional necessária para lidar com as dificuldades cotidianas. Eles se empenharam em buscar alternativas educacionais e em garantir que, apesar das limitações impostas pelo ambiente, eu tivesse acesso a oportunidades de desenvolvimento pessoal e acadêmico.

Durante a minha adolescência, o apoio familiar foi crucial para superar os desafios de ser negro surdo em uma sociedade excludente. As minhas lembranças desse período estão repletas de momentos em que a minha família se mostrou uma fonte constante de amor, suporte e encorajamento.

Uma das lembranças mais marcantes envolve a minha mãe. Ela sempre acreditou no meu potencial e fez tudo o que podia para me ajudar a prosperar. Me lembro de quando ela, percebendo a falta de acessibilidade na escola, decidiu aprender Libras para se comunicar melhor comigo. Ela participava de reuniões escolares, lutando por adaptações e recursos que pudessem me ajudar a ter uma educação de qualidade. Sua dedicação e determinação me mostraram o quanto ela acreditava em mim e no meu futuro.

Outra lembrança importante é do meu pai, que sempre me incentivou a nunca desistir, mesmo quando as coisas ficavam difíceis. Ele me ensinou a importância da resiliência e da perseverança. Houve uma ocasião em que, após um dia particularmente difícil na escola, ele me levou para uma longa caminhada e conversou comigo sobre a importância de manter a cabeça erguida e lutar pelos meus direitos. Sua sabedoria e apoio inabalável me forneceram força para enfrentar as adversidades.

A minha irmã, Paula Fabine Rocha Rodrigues, também desempenhou um papel fundamental no meu desenvolvimento. Ela se esforçou para me incluir em suas atividades e conversas, aprendendo Libras e me apoiando de todas as formas possíveis. Me lembro de uma vez em que organizaram uma festa de aniversário surpresa para mim, convidando meus amigos da comunidade surda e fazendo todos se sentirem bem-vindos e incluídos. Foi um dos momentos mais felizes da minha adolescência, um verdadeiro testemunho do amor e da compreensão da minha família.

Os meus avós, Antônia Rodrigues da Silva e Aldemar Rocha, eram uma fonte constante de sabedoria e apoio emocional. Me lembro das tardes passadas na casa deles, onde

eu me sentia seguro e amado. A minha avó sempre preparava as minhas comidas favoritas e me contava histórias sobre a nossa herança e cultura, fortalecendo o meu senso de identidade e orgulho racial. O meu avô, por sua vez, sempre tinha palavras de encorajamento e me ensinava a importância de valorizar as minhas raízes e a minha história.

Um episódio específico que ilustra o apoio familiar foi quando eu estava me preparando para uma competição de matemática na escola. Sabendo das dificuldades que eu enfrentava, a minha família se uniu para me ajudar a estudar. A minha mãe pesquisou recursos visuais e materiais adaptados, as minhas irmãs criaram jogos educativos para tornar o aprendizado mais divertido, e o meu pai me ajudava a praticar todos os dias após o trabalho. Esse esforço coletivo resultou não só em um bom desempenho na competição, mas também em um profundo sentimento de gratidão e pertencimento.

Essas lembranças de apoio familiar são preciosas para mim. Elas mostram como o amor, a dedicação e o esforço conjunto podem fazer uma enorme diferença na vida de alguém. A minha família foi a minha fortaleza, me proporcionando o suporte necessário para enfrentar as dificuldades e me tornando a pessoa resiliente e determinada que sou hoje.

A participação em eventos e atividades extracurriculares específicas para surdos também se mostrou essencial. Grupos de jovens surdos e encontros culturais e esportivos permitiram a formação de uma rede de apoio e a construção de uma identidade coletiva. Essas experiências foram fundamentais para o fortalecimento da minha autoestima e para a percepção de pertencimento a uma comunidade maior, com as suas próprias riquezas culturais e sociais.

A minha adolescência em uma cidade não acolhedora para pessoas como eu foi marcada por desafios substanciais, mas também por momentos de superação e fortalecimento pessoal. A falta de inclusão linguística e as barreiras impostas pela sociedade exigiram uma resiliência contínua e uma busca incessante por formas alternativas de aprendizagem e socialização.

A experiência vivida durante esses anos moldaram não apenas a minha trajetória pessoal, mas também a minha compreensão sobre a importância de um ambiente inclusivo e acolhedor para o desenvolvimento pleno de todas as pessoas, independentemente de suas características individuais. Esta reflexão sublinha a necessidade urgente de políticas públicas e de práticas sociais que promovam a verdadeira inclusão para a pessoa surda bilíngue, garantindo que nenhum indivíduo seja deixado às margens devido às suas especificidades.

4 - OS ESTUDOS COMO CAMINHO PARA A SUPERAÇÃO

4.1 ADENTRANDO NA EDUCAÇÃO INFANTIL E NO ENSINO FUNDAMENTAL

Foto 3 - Na escola, com aproximadamente 7 anos.



Fonte: Acervo do autor.

Na minha infância, morava na casa dos meus pais, em uma família de ouvintes. A vida era cheia de desafios e eu ainda não trabalhava, mas estudava. A escola era longe de casa, eu precisava pegar um ônibus e sair bem cedo para não me atrasar. Apesar das dificuldades eu gostava de estudar, mesmo sabendo que os meus pais trabalhavam duro para sustentar a nossa família, que é muito grande. Mesmo assim, eles sempre mantinham um sorriso no rosto e uma coragem imensa.

Quando eu tinha 9 anos, com o coração apertado, mudamos para perto da casa da minha avó e do meu tio, para ajudar na redução das despesas.

Lembro que o processo educacional do qual sou fruto teve como protagonista uma professora muito especial, a minha mãe. Foi ela quem me ensinou a ler, a escrever e a associar os signos e os significados na língua portuguesa. Foi ela quem me ensinou a valorizar cada etapa, agregando múltiplos sentidos a cada aprendizagem, principalmente na construção da minha formação com a língua portuguesa.

Nesse sentido, não se trata apenas da relação de afetividade entre mãe e filho. O sucesso do meu processo de aprendizagem se deve às práticas pedagógicas adotadas por minha mãe, uma vez que a sua percepção aguçada a fez desenvolver uma linguagem alternativa baseada em gestos, por meio dos quais se constituíram os sentidos das palavras. Para que a criança surda compreenda o conteúdo do que lhe é dito em português, necessita de vários anos de estimulação sistemática e dialógica (Goldfeld, 2002, p. 95).

O ingresso na educação infantil representou um marco significativo na minha trajetória. A educação infantil foi um período de muitos desafios, mas também de momentos significativos de aprendizado e crescimento, graças ao apoio da minha família e de alguns educadores dedicados.

Relembro que, inicialmente, a minha mãe me colocou para estudar junto com outras crianças com deficiência, mas não me adaptei, pois achava tudo ali muito chato.

Eu queria desistir, não queria mais continuar. Naquela época, eu não me identificava como uma pessoa com deficiência auditiva. Minha mãe, então, decidiu me levar para diferentes tipos de escolas: uma escola regular comum, uma escola especial da APAE e uma escola bilíngue para surdos. Essa experiência foi extremamente desafiadora para mim, pois muitos professores não acreditavam em minhas capacidades e me isolavam. Eles diziam: “Ele tem problemas mentais, deixe-o de lado”. Eu tentava pedir ajuda, especialmente na disciplina de Língua Portuguesa, onde eu tinha dificuldade em escrever, mas era ignorado.

Quando comecei a frequentar a escola, as coisas não foram fáceis. A falta de recursos e a ausência de professores qualificados para lidar com alunos surdos tornava o ambiente escolar desafiador. Em muitas ocasiões, eu não conseguia acompanhar as aulas e me sentia isolado. Me lembro de um dia em particular, quando a professora mostrou um vídeo educativo sem legendas. Eu não conseguia entender nada e me senti muito frustrado.

Os meus pais foram incansáveis em buscar recursos e adaptações que pudessem me ajudar. A minha mãe se envolveu ativamente na escola, conversando com os professores e a gestão escolar para garantir que eu tivesse o suporte necessário. Ela também começou a aprender Libras para se comunicar melhor comigo e se tornou a minha maior defensora. Me

lembro de um evento escolar em que ela organizou uma apresentação sobre a importância da inclusão, o que sensibilizou muitos dos meus colegas e professores

Foi difícil. Eu não sabia de nada. Tinha dificuldade na comunicação até com a minha família. Na escola, o professor ensinava e eu não entendia, apenas observava. Comecei a alfabetização aos 10 anos e aprendi Libras. A inclusão era difícil, não tinha comunicação com os ouvintes. E o professor também não conseguia.

No Atendimento Educacional Especializado (AEE), estudei Língua Portuguesa, Matemática e Geografia. Ao longo do processo, observei e compreendi melhor o método de aprendizagem, o que me permitiu contribuir com os meus colegas. Posteriormente, comecei a ajudar os estudantes ouvintes, o que marcou o início da minha interação e considero um passo importante para a inclusão e o compartilhamento de informações. Isso também me fez sentir mais integrado à comunidade escolar.

A comunidade escolar reconhece que todos têm direito a um atendimento acessível. Embora a direção e os professores tentassem me ajudar, a falta de conhecimento em Libras resultava em uma comunicação limitada. No entanto, com o tempo, percebi que a inclusão e a acessibilidade são fundamentais para garantir que todos os estudantes tenham oportunidades iguais.

Fazer amigos foi um desafio, mas houve algumas crianças que fizeram um esforço extra para se comunicar comigo. Me lembro de um garoto chamado Lucas, que se tornou o meu melhor amigo. Ele aprendeu alguns sinais de Libras e sempre me incluía nas brincadeiras. Uma vez, ele me convidou para a sua festa de aniversário e fez questão de que todos os jogos fossem adaptados para que eu pudesse participar. Esse gesto de inclusão teve um impacto profundo em mim.

Uma das lembranças mais dolorosas envolve um grupo de colegas que frequentemente zombava da minha surdez. Me lembro de um dia, no recreio, quando algumas crianças começaram a imitar os meus gestos e a fazer sinais falsos de Libras de maneira zombeteira. Eu estava tentando explicar um jogo para um amigo, mas a atitude dos outros meninos tornou o momento muito desconfortável. Fiquei profundamente magoado e me senti isolado novamente.

Outro episódio marcante aconteceu durante uma atividade de grupo. Os colegas tinham que escolher os seus parceiros, e eu fui deixado por último. Houve uma vez em que uma menina se recusou a realizar um trabalho comigo, dizendo que seria muito difícil porque eu não podia ouvir. Essas situações de rejeição me fizeram sentir excluído e diminuíram a minha confiança em interagir com os outros.

Infelizmente, o preconceito também veio de alguns professores. Me lembro de um professor de matemática que, ao invés de tentar adaptar as suas aulas ou encontrar formas visuais de ensino, simplesmente ignorava a minha presença. Ele nunca fazia esforço para garantir que eu entendesse as lições e, em várias ocasiões, expressou impaciência quando eu pedia para repetir ou explicar de uma forma diferente. Em uma reunião de pais, ele sugeriu que eu fosse transferido para uma escola "mais adequada", o que foi devastador para mim e a minha família.

Outro incidente ocorreu com uma professora de Artes que não acreditava que eu pudesse participar plenamente das atividades. Durante uma aula de pintura, ela disse abertamente para a turma que eu não seria capaz de seguir as instruções corretamente por causa da minha surdez. A sua falta de sensibilidade e compreensão foi humilhante e desencorajadora.

Houve, também, situações em que pais de outros alunos demonstraram preconceito. Em uma festa escolar de fim de ano, alguns pais pareceram desconfortáveis com a minha presença.

Me lembro de perceber uma mãe comentar com outra que não entendia por que eu estava na mesma turma que o seu filho, insinuando que eu deveria estar em uma escola especial.

Esse tipo de atitude não só me afetou, mas também fez com que alguns dos meus colegas evitassem interagir comigo por medo de desaprovação dos pais.

Apesar desses desafios, o apoio da minha família foi fundamental para superar essas situações. A minha mãe, em particular, sempre foi minha maior defensora. Após saber das zombarias dos colegas, ela se reuniu com a direção escolar para discutir a importância da inclusão e exigir medidas contra o bullying. Ela também organizou sessões informativas sobre a surdez e a Libras, buscando sensibilizar tanto os alunos quanto os professores.

A minha família também me proporcionou um ambiente de amor e apoio em casa, o que me ajudou a reconstruir a minha autoestima. Eles constantemente reforçavam a mensagem de que eu era capaz e valioso, independentemente das opiniões preconceituosas dos outros.

Essas experiências de preconceito durante a Educação Infantil foram dolorosas, mas também me ensinaram sobre a importância da resiliência e do apoio comunitário. Aprendi a lutar pelos meus direitos e a valorizar aqueles que me aceitam e me apoiam incondicionalmente. Através dessas dificuldades, cresci mais forte e determinado a promover a inclusão e a empatia em todas as áreas da minha vida.

Para mim, a transição para o Ensino Fundamental apresentou desafios adicionais. O aumento da complexidade curricular e a necessidade de lidar com questões mais abstratas demandaram um esforço extra da minha parte para garantir a compreensão plena dos conteúdos.

A colaboração com colegas de trabalho e a busca por formação continuada se revelaram fundamentais para superar esses desafios, me proporcionando novas estratégias e ferramentas para o ensino inclusivo, principalmente na área da comunicação e da acessibilidade linguística.

A parceria com intérpretes de Libras também desempenhou um papel importante no contexto do Ensino Fundamental. A presença desses profissionais permitiu maior fluidez na comunicação com os alunos ouvintes, bem como uma maior acessibilidade aos conteúdos curriculares. A colaboração efetiva entre professor e intérprete foi essencial para garantir uma experiência educacional com acessibilidade linguística, que é com a presença da Libras, e oferecer educação de qualidade para todos os estudantes.

Na adolescência, trabalhei como garçom com o meu pai. Quase não tinha tempo para brincar, sair com amigos ou fazer novas amizades. Além disso, a oralidade sempre foi um desafio para mim.

Durante o Ensino Fundamental na rede pública, frequentei uma escola regular, em vez de uma escola especializada para surdos ou instituições de educação especial. Naquela época, parecia haver uma falta de discussão sobre educação especial. Meus professores ouvintes enfrentavam desafios significativos para adaptar as suas metodologias de ensino às minhas necessidades, e eu experimentei um processo de altos e baixos, marcado por momentos de dificuldade e superação.

Os professores se esforçavam para criar estratégias e adaptar métodos de ensino para que eu pudesse assimilar o conteúdo, mas a quantidade de alunos tornava difícil a atenção individualizada. Uma das maiores dificuldades que encontrei foi compreender o conteúdo, pois os professores falavam muito rápido, e eu não conseguia acompanhar explicações detalhadas. Foi um grande sacrifício tentar entender o que era dito. Sempre me sentava na frente, próximo ao quadro e à mesa dos professores, para facilitar a leitura labial, e utilizava um aparelho auditivo. No entanto, tudo o que conseguia ouvir era muito barulho, sem conseguir compreender o significado ou o contexto das falas dos professores.

Lembro que, na sala de aula, meus colegas faziam muita bagunça, e os professores tentavam controlar a turma para manter o silêncio e permitir o estudo. Eu ficava na frente, quieto. Em um dia específico, um professor, visivelmente nervoso, repreendeu os colegas e,

ao apontar para mim, disse: "Vejam como ele está quietinho! Gostaria que vocês tivessem a mesma postura". Como eu não ouvia bem, imagino que um colega tenha respondido que não queria ser como eu, deficiente auditivo, ou algo semelhante. O professor, então, me olhou espantado e perguntou: "Você não está me ouvindo?". Fiquei quieto, parado, com medo e sem saber como reagir.

Parecia que o professor havia perdido a motivação. Posteriormente, ele conversou com a coordenadora pedagógica e descobriram que não haviam informado sobre a presença de um aluno com deficiência auditiva na sala. E agora, o que fazer?

Os professores ficaram preocupados com a minha aprendizagem. Com muito esforço, minha colega e minha mãe me ajudavam nas atividades e tarefas de casa. Também contava com o apoio de uma professora de reforço que, assim como os demais professores, se mostrava preocupada e fazia o possível para me ajudar. Passei em todas as disciplinas, mas sempre precisava de recuperação em Língua Portuguesa e Inglesa, o que eu achava bem chato!

Nos finais de semana, eu me divertia com meus colegas e amigos na rua. Andávamos de patinete e bicicleta, brincávamos na quadra da escola, íamos ao shopping Goiabeiras, ao Museu Casa Barão de Melgaço, à Biblioteca Estevão de Mendonça, ao zoológico da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), ao Arquivo Público de Mato Grosso, ao Centro Cultural Casa Cuiabana, ao Cine Teatro Cuiabá, e a vários outros lugares.

Também passeávamos com minha família, especialmente com minha avó e tia, que me mostravam as coisas e me ensinavam. Por exemplo, no Parque Estadual Mãe Bonifácia, eu via araras e lia os cartazes sobre elas. Minha avó pronunciava "A-ra-ra", e eu repetia, assim treinando a visualização, a oralidade e a audição.

A professora de reforço sempre foi muito esforçada, dedicada e maravilhosa. Ela constantemente me mostrava imagens e livros visuais, explicando, por exemplo, que comer verduras faz bem para a saúde. Conversávamos e ela me mostrava objetos reais, além de me levar para conhecê-los no mercadinho. Eu observava, repetia e aprendia com as suas orientações cuidadosas.

4.2 MEU ENCONTRO COM A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) representa um elemento crucial na inclusão e na promoção dos direitos linguísticos da comunidade surda no Brasil. A sua oficialização em 24

de abril de 2002, através da Lei nº 10.436, marcou um ponto de inflexão significativo na história da educação e da comunicação no país, reconhecendo, oficialmente, a língua de sinais como meio legal de comunicação e expressão.

A descoberta da Libras foi um marco fundamental na minha trajetória. A abordagem bilíngue, que considera a Libras como primeira língua dos surdos e a Língua Portuguesa como segunda língua, me proporcionou uma base sólida para o desenvolvimento acadêmico e linguístico. Essa perspectiva permitiu que eu desenvolvesse minhas habilidades linguísticas de forma mais eficaz e alcançasse meu potencial acadêmico. [...] a Libras, Língua Brasileira de Sinais, língua que garante além da comunicação o conforto linguístico, tornando-se, assim, uma língua natural e forma de expressão da pessoa surda, envolvendo ações, ideias e sentimentos. (Vilhalva, 2004, p.65).

Em 1995, aos 9 anos de idade, eu frequentava a Escola Estadual Joaquina Cerqueira Caldas, localizada no Centro de Cuiabá, onde cursava a 5ª série no período matutino, em uma turma composta por estudantes ouvintes. Eu era o único aluno com deficiência auditiva. A minha professora era ouvinte. No período vespertino, estudava em uma sala de recursos multifuncionais na Escola Municipal Moacyr Gratidiano Dorileo, onde havia muitos estudantes com deficiência auditiva, mas pouca comunicação em Língua de Sinais. A minha professora, Luzinete, era ouvinte e formada em Educação Especial.

Eu me sentia incluído, pois havia a percepção de que estávamos integrados e éramos respeitados dentro da escola. Por exemplo, quando tocava o sinal para o recreio, todos os estudantes, ouvintes e deficientes auditivos, saíam a correr para a merenda, mas eu sempre era o último a sair da sala. Na fila para a merenda, eu acabava ficando por último, e quando chegava a minha vez, o sinal para voltar à sala estava prestes a tocar. Por isso, passei grande parte do Ensino Fundamental sozinho durante o recreio.

Naquela época, eu não conhecia a Associação dos Surdos de Cuiabá. Os encontros dos surdos aconteciam na Praça Bispo Dom José e na Praça Alencastro, onde muitos surdos se reuniam, o que me fazia sentir em casa. Foi ali que comecei a aprender Libras e a me conectar com a cultura surda, fundamental para a interação entre jovens, adolescentes e adultos. A Lei nº 2.824 de 21/12/1990 - CUIABÁ/MT:

FREDERICO CARLOS SOARES CAMPOS, PREFEITO MUNICIPAL DE CUIABÁ/MT, faço saber que a Câmara Municipal de Cuiabá aprovou e eu, sanciono a seguinte Lei;

Art. 1º Fica Declarada de Utilidade Pública Municipal para todos os fins e direitos, a ASSOCIAÇÃO DOS SURDOS DE CUIABÁ – ASSURBÁ

Art. 2º Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as

disposições em contrário.

A promulgação da Lei sancionada por Frederico Carlos Soares Campos, prefeito municipal de Cuiabá/MT, em 1990, marcando a declaração da Associação dos Surdos de Cuiabá (ASSURBÁ) como entidade de utilidade pública municipal, reflete um marco importante no reconhecimento formal das demandas e dos direitos da comunidade surda local. Essa legislação surge em um período de efervescência nacional quanto a ampliação de políticas públicas e legislações que buscam promover inclusão e respeito às diversidades sociais e culturais.

A década de 1990 foi marcada por transformações significativas no Brasil no que tange à democratização dos direitos sociais. A promulgação da Constituição Federal de 1988, apenas dois anos antes, é frequentemente citada como um divisor de águas no reconhecimento de minorias e grupos vulneráveis, incluindo pessoas com deficiência. Nesse contexto, a declaração da ASSURBÁ como utilidade pública se alinha aos princípios constitucionais que estabelecem a dignidade da pessoa humana e a cidadania como fundamentos do Estado brasileiro.

Além disso, iniciativas como essa, em nível municipal, refletem a importância da articulação local para a efetivação de direitos. A ASSURBÁ, ao ser reconhecida como de utilidade pública, passou a ter maior visibilidade, apoio institucional e acesso a parcerias que potencializam suas ações em prol da comunidade surda de Cuiabá. Esse tipo de reconhecimento jurídico também viabiliza a obtenção de recursos públicos e privados, fortalecendo a atuação da entidade em defesa da inclusão social, cultural e educacional das pessoas surdas.

Portanto, a iniciativa de 1990 simboliza um esforço pioneiro na construção de uma sociedade mais inclusiva e representa um legado político de valorização da diversidade, evidenciando o compromisso com os direitos das pessoas surdas no município de Cuiabá.

Também tem a Lei nº 3.613, de 26 de dezembro de 1996, em que

JOSÉ MEIRELLES, PREFEITO MUNICIPAL DE CUIABÁ-MT, faço saber que a Câmara Municipal de Cuiabá aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica Declarada de Utilidade Pública Municipal, a Associação dos Surdos de Cuiabá – ASSURBA.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

A promulgação da Lei sancionada em 1994 pelo prefeito José Meirelles, que reafirma a declaração da Associação dos Surdos de Cuiabá (ASSURBÁ) como entidade de utilidade pública municipal, reflete a continuidade e o fortalecimento do reconhecimento institucional

dessa organização. Apesar de a entidade já ter sido declarada de utilidade pública em 1990, essa nova legislação reforça a relevância do trabalho da ASSURBÁ e a necessidade de manter o seu status para assegurar a efetividade de sua atuação em prol da comunidade surda de Cuiabá.

O contexto de 1994 era marcado por avanços nas políticas públicas relacionadas à inclusão social e às pessoas com deficiência, influenciado por discussões nacionais e internacionais sobre os direitos humanos. Em nível global, a década de 1990 foi impulsionada pela Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais, realizada em Salamanca, em 1994, que destacou o direito à educação inclusiva e à valorização da diversidade. No Brasil, esse período também foi caracterizado por uma maior atenção legislativa e administrativa às demandas de grupos sociais historicamente marginalizados.

A reafirmação da ASSURBÁ como utilidade pública em 1994 pode ser interpretada como um gesto de renovação de apoio institucional e político à entidade. Isso possibilitou à organização fortalecer a sua base legal para buscar novos recursos, estabelecer parcerias e ampliar ações em prol da comunidade surda. Essa continuidade de reconhecimento é essencial para garantir a estabilidade e a longevidade de iniciativas locais voltadas à promoção dos direitos das pessoas surdas.

Assim, as leis sancionadas em 1990 e 1994 pelo município de Cuiabá evidenciam uma progressiva conscientização sobre a importância de garantir suporte jurídico e institucional para organizações que desempenham papel crucial na inclusão e no empoderamento de grupos sociais vulneráveis.

Demorei um tempo para aprender Libras, nunca fiz um curso formal; aprendi com outros surdos. Tinha dificuldades de comunicação com muitas pessoas e, por essa razão, evitava lugares e pessoas desconhecidas. Em casa, meus familiares conversavam pouco comigo. Quando falavam, geralmente faziam gestos ou apontavam, mas eu não conseguia entender.

No Ensino Médio, em 2004, participei de uma capacitação para Instrutor de Libras no Centro de Atendimento à Pessoa Surda (CAS), com uma professora surda. Também fiz um curso de Libras no SENAI com uma professora ouvinte.

Em 2006, comecei a trabalhar como garçom no Hotel Fazenda Mato Grosso e no Tribunal de Contas, onde meus pais também trabalhavam. Em 2009, trabalhei no Centro Estadual de Atendimento e Apoio ao Deficiente Auditivo (CEAADA) no período matutino e fazia faculdade à noite. Foi então que o meu sonho de me tornar doutor começou a se formar.

Essa abordagem valoriza a cultura e identidade surda, permitindo uma melhor compreensão das necessidades específicas do surdo, inclusive buscando contribuir com um processo facilitador de ensino e aprendizagem de alunos surdos em todas as etapas do ensino.

Para o professor surdo, essa interação pode assumir múltiplas formas, incluindo a comunicação em Língua Brasileira de Sinais (Libras) e o uso de recursos tecnológicos para a mediação da narrativa.

Este aspecto dialógico é crucial para a validação e a legitimação de minhas experiências, permitindo que as narrativas sejam reconhecidas e valorizadas tanto pela comunidade surda quanto pela comunidade ouvinte. A respeito da comunicação em Libras, Fernandes (2004) afirma:

A Libras é o elemento visual privilegiado na interação, dado o seu caráter linguístico, que substitui a oralidade sem prejuízos.” Sabemos que os surdos não têm nenhum impedimento para receber a Libras, porém eles necessitam de espaços que favoreçam a comunicação em Libras. Os espaços virtuais têm sido territórios de ampliação do conhecimento. Para que o surdo possa adquirir tal conhecimento e que seja capaz de compreender, se comunicar e expressar, há alguns fatores que precisam ser levados em conta (Fernandes, 2004, p. 47).

O encontro com a Libras não se limita ao simples reconhecimento legal, mas a um profundo processo de compreensão e valorização cultural. A Libras não é uma mera tradução de conceitos expressos em português. Se trata de uma língua com estrutura gramatical própria, com regras específicas de formação de palavras e frases, além de uma rica capacidade expressiva que abrange aspectos emocionais e culturais da comunidade surda. Esse reconhecimento é vital, pois o idioma é um dos principais vetores de identidade cultural, permitindo que a comunidade surda mantenha e desenvolva as suas tradições e particularidades.

A pedagogia voltada para a inclusão da Libras no contexto educacional apresenta desafios e oportunidades. Um dos principais desafios é a formação de professores proficientes em Libras, capazes de ensinar não apenas os conteúdos curriculares, mas também de mediar a integração cultural entre alunos surdos e ouvintes.

A capacitação docente envolve a compreensão da gramática da Libras, a fluência na comunicação e a sensibilidade para questões culturais e identitárias da comunidade surda. Portanto, a formação continuada de educadores é imperativa para assegurar que os princípios de inclusão sejam efetivamente implementados nas escolas.

Além da formação docente, o material didático específico para o ensino de Libras precisa ser desenvolvido e continuamente atualizado. Livros, vídeos, plataformas digitais e outros recursos educacionais devem ser elaborados considerando as particularidades da

Língua de Sinais. Tais materiais não apenas auxiliam no processo de ensino-aprendizagem, mas também promovem a visibilidade e valorização da Libras dentro e fora do ambiente escolar. A inclusão da Libras no currículo escolar também requer uma reestruturação das práticas pedagógicas tradicionais.

As metodologias de ensino devem ser adaptadas para garantir que os alunos surdos tenham acesso igualitário ao conhecimento. Isso pode incluir o uso de intérpretes de Libras em sala de aula, a aplicação de tecnologias assistivas e a criação de ambientes de aprendizagem bilíngue, onde o português e a Libras sejam utilizados de forma complementar.

A legislação brasileira avançou significativamente ao assegurar o direito à educação bilíngue para surdos, com a Libras sendo para os surdos a primeira língua e o português escrito como segunda língua. Esse modelo bilíngue bicultural promove não apenas a alfabetização, mas também a plena participação dos surdos na sociedade. Entretanto, a implementação prática dessa legislação ainda enfrenta desafios, como a resistência de algumas instituições educativas e a carência de recursos adequados.

A cultura surda, mediada pela Libras, possui uma rica herança de narrativas, expressões artísticas e práticas sociais que merecem ser integradas ao currículo escolar. O reconhecimento e valorização dessas manifestações culturais contribuem para a formação de um ambiente inclusivo e respeitoso, onde a diversidade é celebrada.

A pesquisa em educação voltada para a Libras tem revelado a importância da interação entre surdos e ouvintes no processo de aprendizagem. O contato direto com usuários nativos de Libras proporciona uma imersão linguística e cultural que enriquece a experiência educacional. Programas de intercâmbio, parcerias com instituições especializadas e utilização de recursos audiovisuais que apresentem a língua de sinais em contextos reais são estratégias eficazes para fomentar essa interação.

A presença de Libras na educação superior também tem se expandido, com universidades oferecendo cursos de graduação e pós-graduação específicos para a formação de intérpretes, professores e pesquisadores em Libras.

Além do âmbito educacional, o encontro com a Libras se estende à esfera pública e profissional. A presença de intérpretes de Libras em eventos, serviços públicos, programas de televisão e demais espaços de comunicação é essencial para garantir a acessibilidade e a inclusão de surdos em todas as áreas da vida social.

A conscientização sobre a importância da Libras deve ser promovida de forma contínua, envolvendo campanhas de sensibilização, cursos de formação em Libras para

profissionais de diversas áreas e políticas públicas que incentivem a acessibilidade linguística. De acordo com Braga (2006):

Trata-se de um lugar onde a língua de sinais, sendo traço comum, une os sujeitos, marca uma forma de comunicação peculiar que os caracteriza culturalmente, permitindo-lhes a troca de idéias, a discussão de suas necessidades e consequentemente a possibilidade de reivindicação de seus direitos, de poder opinar, participar na construção de um espaço escolar e de um currículo que os conecte com o mundo e a realidade de forma não fragmentada (Braga, 2006, p. 78).

O avanço da tecnologia também oferece novas oportunidades para a promoção da Libras. Aplicativos de tradução em tempo real, plataformas de ensino a distância e recursos de realidade aumentada são exemplos de inovações que podem facilitar o aprendizado e o uso da Língua de Sinais. A pesquisa e o desenvolvimento tecnológicos voltados para a Libras devem ser incentivados, com o objetivo de criar ferramentas eficazes que atendam às necessidades da comunidade surda.

A educação desempenha um papel crucial na formação da identidade e das oportunidades de vida para adultos negros surdos. A implementação de programas educativos bilíngues e biculturais, que reconhecem a Libras como a primeira língua e o português escrito como a segunda língua, é fundamental para assegurar uma educação inclusiva e de qualidade. Além disso, a formação de educadores competentes em Libras e sensíveis às questões raciais é vital para criar um ambiente educativo que respeite e valorize a diversidade.

Por fim, a tecnologia surge como uma aliada importante na luta pela inclusão e igualdade de direitos. Ferramentas digitais, aplicativos de tradução em tempo real, plataformas de ensino à distância e recursos de realidade aumentada podem facilitar a comunicação e o acesso à informação. A promoção do desenvolvimento e a utilização dessas tecnologias são essenciais para reduzir as barreiras enfrentadas por adultos negros surdos.

4.3 MEUS DESAFIOS NO ENSINO MÉDIO

Estudei o Ensino Médio em Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso, na Escola Estadual Antônio Cesário Figueiredo Neto e no Colégio Isaac Newton, onde nunca tive acompanhamento especializado.

Entre 2003 e 2004, estudei no Ensino Médio da Escola Estadual Antônio Cesário Figueiredo Neto. Quando fui matriculado na turma regular, os colegas de classe ficaram surpresos ao me ver, e alguns comentaram sobre a presença de um aluno deficiente auditivo

na turma. Eu enfrentei significativas dificuldades para entender o conteúdo, pois a escola regular não oferecia um tradutor intérprete de Libras, o que poderia ter facilitado o acompanhamento do processo escolar.

Naquela época, eu não tinha acesso a apoio pedagógico profissional especializado. Por isso, precisava recorrer à leitura labial em diversas situações, como nas aulas, nos corredores e até mesmo nas aulas de Educação Física na quadra. Além disso, sempre usava aparelho auditivo como forma de adaptação.

No ambiente escolar, enfrentei preconceitos e bullying devido à falta de compreensão e comunicação. Muitas pessoas não sabiam se comunicar em Libras, o que gerava mal-entendidos e provocações. Essa falta de entendimento e empatia tornava o ambiente escolar desafiador para mim.

Os colegas e os professores frequentemente se referiam à minha deficiência auditiva de forma direta, e alguns até me chamavam de "deficiente auditivo". Embora alguns colegas tentassem se comunicar comigo por meio de gestos e oralidade, era evidente a falta de conhecimento sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e sobre como interagir comigo de forma eficaz. Naquela época, não havia escolas especializadas que oferecessem atendimento em Libras, o que tornava ainda mais desafiador o meu processo de aprendizado.

Os professores eram especializados em disciplinas específicas, mas a coordenação da escola muitas vezes chamava a atenção de forma inadequada, gritando e questionando se eu realmente tinha problemas de audição. Os professores demonstravam preocupação em relação à minha presença como estudante deficiente auditivo na turma. No entanto, durante as aulas, eu enfrentava grandes dificuldades para entender o conteúdo, especialmente em dias de prova, seminários, apresentações e feira de ciências. A falta de adaptação e apoio tornava quase impossível para mim acompanhar as atividades, e eu sentia que estava muito inferior aos meus colegas.

Em poucas matérias eu conseguia obter notas satisfatórias, mas isso não era o suficiente para evitar o bullying e as piadas dos meus colegas. Eles olhavam para mim e riam, o que me fazia chorar devido às brincadeiras insensíveis. Eu nunca gostei dessas atitudes, pois sempre busquei respeito e compreensão. Sentado na frente da mesa dos professores, que estavam lá para me ajudar, eu me sentia ainda mais isolado quando os meus colegas faziam piadas pelas minhas costas.

Os meus apoiadores discutiam sobre as atividades e as questões das tarefas, além da avaliação das atividades em que eu estava reprovado. No entanto, eles destacavam que, como estudante especial, eu não poderia ser reprovado. Posteriormente, pedi à coordenação

pedagógica para mudar de turma, o que foi feito, aparentemente motivada pelo medo de preconceito. Na época, eu não me comunicava em Língua Brasileira de Sinais (Libras) e, por isso, estava atrasado em relação às disciplinas.

Os ambientes escolares não tinham conhecimento sobre a lei de direitos para pessoas com deficiência e não reconheciam a importância de garantir acessibilidade. Além disso, havia um estigma em relação aos surdos, que eram frequentemente chamados de "surdos-mudos"

Em 2005, decidi me matricular em uma escola privada, o Colégio Isaac Newton, em busca de uma educação de melhor qualidade e preparação para os vestibulares. Eu sabia que precisava de um ambiente mais estruturado e apoio adequado para alcançar meus objetivos. Apesar das dificuldades e do sofrimento, perseverei e desenvolvi resiliência, pois o meu foco sempre foi o estudo e o aprendizado.

Foto 4 - Formatura no Ensino Médio. Colégio Isaac Newton, Cuiabá/MT.



Fonte: Acervo do autor.

Foto 5 - Com dois colegas em minha formatura do Ensino Médio, no Colégio Isaac Newton.



Fonte: Acervo do autor.

Foto 6 - Recebendo o diploma na formatura do Ensino Médio, no Colégio Isaac Newton.



Fonte: Acervo do autor.

5 - VIDA DE ADULTO NEGRO SURDO

5.1 EU COMO CIDADÃO ADULTO DIFERENTE DA MAIORIA DOS QUE CONVIVEM COMIGO

A condição de ser um cidadão adulto negro surdo, especialmente em um contexto social majoritariamente composto por indivíduos ouvintes e não negros, impõe uma série de desafios e complexidades únicas. A intersecção entre raça e deficiência auditiva resulta em uma experiência vivida que demanda uma análise profunda de dinâmicas sociais, econômicas e culturais que influenciam em nossa vida cotidiana.

Primeiramente, a identidade de um adulto negro surdo é moldada por uma combinação de fatores históricos e socioculturais que frequentemente resultam em marginalização dupla.

No contexto brasileiro, a população negra, historicamente, enfrentou discriminação racial sistemática que se manifesta em desigualdades no acesso à educação, ao emprego e aos serviços de saúde.

Paralelamente, pessoas surdas frequentemente encontram barreiras comunicativas e estruturais que limitam a sua plena participação na sociedade. Quando essas duas identidades se sobrepõem, os desafios enfrentados são significativamente amplificados.

A vivência de um adulto negro surdo é permeada por uma constante necessidade de navegar entre diferentes mundos: o mundo ouvinte e o mundo surdo, além de lidar com as dinâmicas raciais que influenciam a interação com ambos.

No ambiente familiar, ser filho, marido e surdo envolve a construção de relações que desafiam as normas comunicativas tradicionais. A comunicação dentro da família pode ser um terreno complexo, onde a fluência em Libras ou a falta dela, em especial por parte dos membros da família, pode influenciar a dinâmica e a qualidade das interações.

Para muitos adultos surdos, a necessidade de educar os seus familiares sobre a língua de sinais e as particularidades da surdez é uma tarefa constante. No entanto, essa mesma

necessidade também pode fortalecer os laços familiares e promover maior compreensão e empatia.

Como marido, a responsabilidade de prover e cuidar da família pode ser acompanhada por uma série de desafios adicionais. O mercado de trabalho para pessoas negras e surdas é marcado por uma escassez de oportunidades e discriminação, tanto racial quanto em relação à deficiência.

Políticas públicas de inclusão e ações afirmativas são fundamentais para mitigar essas barreiras, mas a sua implementação eficaz ainda é um desafio a ser superado.

Além do contexto familiar e profissional, a experiência de cidadania de um adulto negro surdo envolve a luta constante por reconhecimento e igualdade de direitos. A cidadania plena implica a participação ativa na vida política, econômica e cultural da sociedade.

Contudo, a acessibilidade é um aspecto crucial que frequentemente é negligenciado. A ausência de recursos adequados, como legendas em eventos públicos, intérpretes de Libras em repartições governamentais e materiais informativos acessíveis, limita significativamente a nossa capacidade de exercermos os nossos direitos de forma plena.

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) serve como um elo vital para a comunicação e a expressão dentro da comunidade surda, mas a sua utilização e aceitação fora dessa comunidade ainda enfrentam resistência. A falta de intérpretes de Libras em serviços públicos, instituições educacionais e no mercado de trabalho representa uma barreira considerável para a inclusão.

A identidade de um adulto negro surdo também está intrinsecamente ligada à sua comunidade. A construção de uma rede de apoio dentro das comunidades surda e negra é essencial para o bem-estar emocional e social. A pertença a esses grupos proporciona um sentido de identidade e solidariedade, permitindo que os indivíduos compartilhem experiências, lutas e conquistas.

Entretanto, a interseccionalidade dessas identidades pode gerar desafios únicos, onde as necessidades específicas de pessoas negras surdas podem não ser completamente compreendidas e atendidas dentro de cada comunidade separadamente.

Refletindo sobre os momentos que vivi, as dificuldades e as poucas experiências da adolescência, sinto uma nostalgia pelos colegas que se distanciaram e que nunca mais reencontrei. Espero que, com o passar do tempo, eu possa revisitar essas memórias e utilizá-las para crescer pessoalmente e fortalecer os meus conhecimentos. Atualmente, estou dedicado a concluir o curso que interrompi para ajudar com as responsabilidades familiares.

Entre 1995 e 1998, tive a oportunidade de realizar um tratamento de fonoaudiologia no Centro de Reabilitação Dom Aquino Corrêa (CRIDAC-MT), em Cuiabá. A cultura surda é transmitida de geração em geração por meio de organizações como associações de surdos, federações, igrejas e comunidades. Independentemente da forma de comunicação, foi através das experiências visuais que descobri e compreendi a minha identidade surda.

Por isso, é tão importante que crianças surdas tenham contato com adultos surdos para acessar a língua, a identidade e a cultura de forma natural. A maioria das comunidades formadas por ouvintes não se preocupa em oferecer meios visuais que promovam acessibilidade.

Durante minha formação em Campo Grande/MS, tive a oportunidade de conhecer a minha esposa em uma visita a Coxim/MS. Na época, eu residia em Cuiabá/MT e trabalhava como garçom. Em 2010, após ser aprovado em um concurso público, comecei a trabalhar em uma escola pública. Posteriormente, mudei para Rondonópolis/MT, onde continuei os meus estudos e participei de várias capacitações em Campo Grande/MS.

Em 2017, me casei com a mulher que conheci durante essa jornada. Entre 2019 e 2021, durante a pandemia de Covid-19, me adaptei ao trabalho remoto e continuei estudando. Hoje, eu sou voluntário na Associação de Surdos de Rondonópolis/MT, onde posso contribuir para a comunidade surda.

Eu sou grato por tudo o que tenho e tenho esperança de que, no futuro, as coisas estejam ainda melhores do que agora.

5.2 EU SURDO NEGRO CHEGANDO NA UNIVERSIDADE: DESAFIOS E SUPERAÇÕES NAS GRADUAÇÕES E ESPECIALIZAÇÕES

Em 2007, iniciei os meus estudos no curso de Pedagogia na Faculdade Afirmativo, em Cuiabá, tendo concluído em 2011. Apesar da falta de acessibilidade em Libras, eu estava determinado a superar as dificuldades e, com muito esforço e dedicação, consegui concluir o curso.

A minha decisão de ingressar no curso de Pedagogia foi influenciada por uma pessoa muito especial, Janeane Rodrigues da Silva Klug Fidelis, a minha tia, que infelizmente já não está entre nós. Ela me chamou para conversar e mencionou que havia uma oportunidade para ingressar no curso de Pedagogia, e juntos fomos até a faculdade para realizar a minha inscrição no vestibular.

Após a inscrição, fomos pessoalmente à secretaria acadêmica para discutir a minha situação. A minha tia Janeane explicou à recepcionista que eu era deficiente auditivo, mas destacou que eu tinha capacidade de ler e fazer a prova normalmente, sem a necessidade de uma sala especial. Esse apoio foi fundamental para que eu pudesse seguir em frente e conquistar mais essa etapa em minha vida acadêmica.

No dia em que fui realizar a prova, uma das fiscais da sala se aproximou e perguntou se eu tinha algum problema de audição e se eu precisaria de uma prova especial. Respondi que sim, que considerava necessário. No entanto, a coordenação do vestibular informou que infelizmente não poderiam oferecer uma prova adaptada, pois não havia um profissional disponível para atender essa demanda no dia do exame.

Mesmo diante dessa dificuldade, segui em frente e esperei ansiosamente pelo resultado. Quando finalmente saiu, a notícia foi de grande alegria: eu havia sido aprovado com uma nota média. Além disso, fui contemplado com uma bolsa de estudos, em parte graças ao desconto que já havia recebido por meio da indicação da minha tia. Naquele momento, percebi que estava realmente interessado em seguir o curso de Pedagogia.

Com a aprovação em mãos, rapidamente fiz a minha matrícula. Ao longo do curso, fui adquirindo novos conhecimentos e aproveitando as oportunidades oferecidas por cada disciplina. Tive o privilégio de aprender com professores altamente qualificados, incluindo especialistas, mestres e doutores da área de Educação, que enriqueceram a minha formação através de conteúdos programáticos bem estruturados e desafiadores. Esse processo de aprendizado foi essencial para o meu desenvolvimento acadêmico e profissional.

Quando iniciei as minhas aulas na Faculdade Afirmativo, os meus colegas ficaram surpresos ao perceber que havia tanto alunos com deficiência visual quanto auditiva na mesma turma. No entanto, apesar dessa diversidade, não havia qualquer tipo de suporte profissional disponível. Durante os quatro anos de estudo, não tivemos acompanhamento ou auxílio especializado, o que tornou o processo de aprendizado extremamente desafiador.

A falta de apoio resultou em muito sofrimento e dificuldade na realização das atividades propostas e, especialmente, nas provas, mesmo quando adaptadas. Os seminários de apresentação durante a semana pedagógica, assim como os trabalhos em grupo com os colegas, foram particularmente difíceis para mim, pois não havia tradução em Libras. Essa ausência de acessibilidade impactou diretamente o meu desempenho e engajamento em diversas atividades acadêmicas.

Diante dessas dificuldades, a diretoria geral da faculdade buscou apoio e informações junto à Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso (SED/MT) e do Município de

Cuiabá, além de entrar em contato com a Associação de Profissionais Intérpretes e Tradutores de Língua Brasileira de Sinais de Mato Grosso (APILMT) e a Associação de Surdos de Cuiabá (ASSURBÁ).

Apesar dos esforços, a falta de recursos e a demora nas providências fizeram com que esses quatro anos de estudo fossem marcados por inúmeros desafios e pela luta constante para superar as barreiras impostas pela ausência de acessibilidade.

As aulas eram presenciais e ocorriam no período noturno. Eu sempre ia de ônibus para a faculdade, utilizando uma carteirinha especial para portadores de deficiência no transporte coletivo, visto que, naquela época, não tinha condições de ir com um veículo próprio. No início do semestre, devido à diversidade de professores em diferentes disciplinas, muitos deles não perceberam que eu era surdo, e as aulas aconteciam normalmente, mas sem qualquer inclusão.

Os colegas de classe tinham grande dificuldade em conversar comigo, pois não sabiam fazer leitura labial e não conseguiam utilizar gestos para se comunicar em sala de aula. Quando eu tentava sinalizar algo, eles não comprehendiam. Ficava claro que a Universidade não estava preparada para atender alunos surdos.

Durante as aulas, os professores explicavam o conteúdo, mas eu não conseguia entender nada, pois falavam muito rápido. Houve uma ocasião em que um professor chamou a minha atenção, pedindo que eu acompanhasse a leitura, mas isso era um desafio enorme para mim. Além disso, alguns colegas começaram a me provocar, demonstrando uma clara resistência em aceitar a minha surdez.

Não sei se eles não reconheciam a importância da Língua de Sinais, mas eu fazia o máximo para me comunicar através da leitura labial e de gestos. A falta de compreensão e apoio tornou esse período ainda mais difícil, tanto academicamente quanto socialmente.

Eu estava muito frustrado com a coordenação pedagógica, e foi então que a professora Jaqueline me levou para conversar com a direção da faculdade. Essa foi uma das minhas maiores dificuldades, pois muitos professores não acreditavam em mim e me deixavam isolado. Eles pareciam não entender que eu precisava de apoio e adaptações para aprender.

Eu tentava chamar a atenção dos professores em sala de aula, em todas as disciplinas, pedindo ajuda para escrever e entender o conteúdo. Eu dizia que sabia ler e fazer leitura labial, mas muitos professores não aceitavam isso como uma forma válida de comunicação. No entanto, alguns professores que entenderam minha situação pediram desculpas e mostraram empatia, reconhecendo que eu tinha uma sensibilidade diferente.

É fundamental que pessoas com deficiência sejam respeitadas e incluídas. Infelizmente, alguns colegas e professores não tinham conhecimento sobre inclusão e não sabiam como lidar com pessoas com deficiência visual e auditiva. É importante lembrar que cada pessoa tem seu próprio ritmo e estilo de comunicação, e é preciso respeitar essas diferenças.

Assim, é importante que as instituições de ensino, incluindo direção, docentes, alunos e toda a comunidade envolvida, busquem entender as diferenças na cultura surda, pois como afirmam Lunardi-Lazzarin; Marostega, (2012):

Um dos traços mais significativos de identidade surda é a comunicação visual; é ele que constitui a diferença. Portanto, as diferenças precisam ser entendidas a partir dos processos de significação, da mesma forma que ocorre com as identidades, ou seja, tanto as identidades quanto as diferenças não são produzidas “naturalmente”, são produzidas nas relações sociais diárias. (Lunardi-Lazzarin; Marostega, 2012. p. 210).

Os professores da faculdade me perguntavam se eu escutava pouco ou nada e como eu não conseguia entender nada. Embora eu tivesse direito a um intérprete de Libras para me ajudar a acompanhar as aulas, eu não tinha condições financeiras para arcar com as despesas, e havia poucos profissionais habilitados para trabalhar no nível superior.

Além disso, os professores não tinham qualificação suficiente para lidar com as necessidades de estudantes surdos, e não havia adaptação adequada para as provas, atividades pedagógicas, seminários e outros eventos acadêmicos. Como resultado, eu era frequentemente reprovado nas disciplinas.

Minha mãe defendia que eu precisava de adaptações para ter acessibilidade e compreender melhor o conteúdo, e somente quando essas adaptações foram implementadas que eu consegui responder adequadamente.

No início da jornada acadêmica, o professor surdo enfrenta desafios que se distinguem substancialmente daqueles experimentados por seus colegas ouvintes. A educação básica, por exemplo, frequentemente carece de recursos adequados para atender às necessidades específicas de alunos surdos.

A escassez de intérpretes de Libras, materiais didáticos acessíveis e profissionais capacitados em educação bilíngue cria um ambiente desfavorável para o desenvolvimento acadêmico pleno. Apesar dessas adversidades, o professor surdo motivado por um desejo profundo de aprendizado e superação persiste na sua busca pelo conhecimento.

A transição para o ensino superior representa outro patamar de desafios. A inclusão no ambiente universitário demanda não apenas o reconhecimento das diferenças, mas também a implementação de estratégias eficazes para assegurar a acessibilidade.

Neste contexto, a presença de intérpretes de Libras é essencial para a participação ativa em aulas, seminários e atividades acadêmicas. Adicionalmente, a adaptação de materiais e recursos pedagógicos para formatos acessíveis é crucial para garantir a equidade no aprendizado.

A escolha do curso de graduação é, muitas vezes, influenciada pela experiência pessoal e pelo desejo de contribuir para a comunidade surda. Muitos professores surdos optam por áreas como educação, pedagogia, linguística ou estudos da surdez motivados pela vontade de transformar as suas experiências em ferramentas de empoderamento para outros surdos.

Durante a graduação, a construção de uma rede de apoio composta por colegas, professores e familiares desempenha um papel fundamental na superação das barreiras diárias.

Em 2018, realizei o vestibular online e fui aprovado para estudar na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), no curso de Licenciatura em Letras - Libras, na modalidade de Educação a Distância (EAD). Foi um grande desafio, pois as provas eram online e eu morava em Rondonópolis, Mato Grosso. No entanto, com perseverança e esforço, consegui superar os obstáculos e encontrar meu caminho de conhecimento e experiência.

Desde jovem, estudei em ambientes predominantemente de ouvintes, o que me fez perceber as diferenças significativas entre a cultura surda e a cultura ouvinte. Na comunidade surda, a comunicação é visual, com a Libras sendo a língua principal, enquanto o português é considerado a segunda língua.

No curso de Letras - Libras da UFGD, a maioria dos acadêmicos eram surdos, o que criou um ambiente de aprendizado inclusivo e inspirador. Havia professores surdos com doutorado e mestrado, o que me motivou a almejar também um doutorado no futuro. Além disso, os professores ouvintes eram fluentes em Libras e trabalhavam em conjunto com Tradutores e Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais (TILS) nas aulas, garantindo uma comunicação eficaz.

O ensino era visual e adaptado à cultura surda, o que facilitou o meu aprendizado. As aulas presenciais ocorriam uma vez por semana, aos sábados, e incluíam disciplinas, apresentações de trabalhos, atividades virtuais e seminários de Educação a Distância em Letras - Libras, ministrados por professores especialistas, mestres e doutores. No início do

semestre, eu utilizava transporte coletivo no período matutino para me deslocar até a universidade, o que me permitia chegar às aulas presenciais.

Em 2019, interrompi meus estudos na UFGD e transferi meu curso de Letras - Libras para o Centro Universitário Leonardo da Vinci (Uniasselvi), em Rondonópolis, Mato Grosso, aproveitando as disciplinas já cursadas. Na Uniasselvi, continuei estudando na modalidade EaD, com aulas online no período matutino, devido à pandemia de Covid-19.

Durante essa experiência online, enfrentei algumas complicações, especialmente na comunicação, pois os meus colegas não entendiam Libras. No entanto, a faculdade disponibilizou intérpretes, o que facilitou significativamente a minha compreensão e participação nas aulas.

A chegada de um indivíduo surdo negro à universidade representa um marco significativo tanto na vida pessoal do estudante quanto na trajetória das instituições de ensino superior. Esta experiência é permeada por uma série de desafios e superações que refletem as complexidades inerentes às intersecções de raça e deficiência auditiva.

O ingresso, a permanência e a conclusão dos cursos de graduação e especialização exigem não apenas a resiliência e determinação do estudante, mas também um ambiente acadêmico que esteja preparado e comprometido com a inclusão e a equidade.

Um dos primeiros desafios enfrentados por estudantes surdos negros ao ingressarem na universidade é o processo de adaptação ao novo ambiente.

A minha experiência durante a graduação foi fundamental para o desenvolvimento da minha trajetória acadêmica e profissional. Ao enfrentar esses desafios pela primeira vez, percebi a importância de compreender e valorizar a inclusão não apenas para mim, mas para todos os envolvidos no ambiente universitário, incluindo discentes e professores.

Esse momento me fez refletir sobre a necessidade de sensibilizar todos os membros da comunidade acadêmica para questões relacionadas à inclusão de estudantes com deficiência. É por meio dessas vivências que se fortalece o respeito à diversidade e se promove uma verdadeira inclusão no ensino superior. A inclusão não deve ser apenas uma formalidade ou uma política institucional, mas sim uma prática genuína que reconhece e valoriza as diferenças, criando um ambiente onde todos os estudantes possam se desenvolver plenamente.

Essa experiência foi, sem dúvida, uma oportunidade única que me permitiu crescer pessoal e profissionalmente. Ela reforçou a convicção de que a educação superior deve ser um espaço de acolhimento e de respeito, onde a diversidade é vista como uma força que enriquece a convivência e o aprendizado de todos. Promover uma inclusão verdadeira significa criar condições para que cada estudante, independentemente de suas limitações,

possa participar ativamente do processo educacional, contribuindo para uma sociedade mais justa e equitativa.

As instituições de ensino superior, na sua maioria, são espaços majoritariamente compostos por ouvintes e não-negros, o que pode gerar um sentimento inicial de isolamento e exclusão. A falta de representatividade racial e a ausência de colegas e professores que compartilhem experiências semelhantes podem intensificar a sensação de exclusão. Portanto, a construção de uma rede de apoio é fundamental. Grupos de apoio para estudantes surdos, associações de estudantes negros e iniciativas de mentorias são essenciais para proporcionar um senso de pertencimento e apoio emocional.

A acessibilidade comunicativa é outro aspecto crucial para a inclusão efetiva de estudantes surdos negros na universidade. A presença de intérpretes de Libras em sala de aula, a disponibilização de materiais didáticos acessíveis, como vídeos legendados e transcrições de aulas, e a utilização de tecnologias assistivas são medidas indispensáveis para garantir a plena participação desses estudantes. No entanto, a implementação dessas medidas ainda enfrenta barreiras significativas. Muitas instituições não possuem recursos adequados ou desconhecem as necessidades específicas dos estudantes surdos, resultando em uma educação desigual e excluente.

A formação e a capacitação de professores são elementos chave para a promoção de um ambiente acadêmico inclusivo. Professores que compreendem a importância da Libras e são sensíveis às questões raciais estão mais aptos a criar estratégias pedagógicas que atendam às necessidades diversificadas de seus alunos. Workshops, cursos de formação continuada e a inclusão de disciplinas sobre educação inclusiva nos programas de licenciatura são algumas das medidas que podem contribuir para essa formação.

A interação positiva entre professores e estudantes é fundamental para o sucesso acadêmico, e um corpo docente bem-preparado pode fazer uma diferença significativa na experiência educacional dos estudantes surdos negros.

A trajetória acadêmica de um estudante surdo negro na universidade também é influenciada pelo acesso a recursos financeiros e de apoio. As desigualdades socioeconômicas que afetam a população negra no Brasil se refletem no acesso ao ensino superior.

Como mencionado anteriormente, a minha primeira graduação ocorreu entre 2007 e 2011 na Faculdade Afirmativo, localizada no Instituto Bom Jesus de Cuiabá, em Mato Grosso. Estudei no período noturno e enfrentei muitos desafios. Sem o uso de aparelho auditivo, eu tinha dificuldades em ouvir durante as aulas, o que me obrigava a recorrer à leitura labial para tentar acompanhar o conteúdo.

Na sala de aula, éramos cerca de quarenta estudantes, e eu e uma colega com deficiência visual éramos bolsistas. No entanto, os professores não podiam se dirigir apenas a mim para facilitar a minha leitura labial, e não havia intérprete de Libras para me auxiliar, o que tornava a compreensão das disciplinas ainda mais difícil. Como resultado, eu tinha dificuldades em entender atividades, provas, seminários e apresentações de trabalho, e não conseguia participar efetivamente de discussões e trocas de experiências com os meus colegas.

Esse cenário me fazia sentir insignificante e incapaz em meio a todos. Muitas vezes, eu chorava de frustração e desespero, sentindo que era quase impossível continuar com a minha graduação. No entanto, alguns colegas e professores demonstravam empatia e tentavam me ajudar da melhor forma possível.

Com muito esforço da minha parte e com o apoio que recebi, consegui superar obstáculos e concluir as minhas tarefas. Além das dificuldades em sala de aula, eu ainda enfrentava o desafio diário de utilizar o transporte coletivo, que era estressante e angustiante. Cada dia trazia novos obstáculos, mas eu sabia que precisava persistir. Mesmo diante de todas essas adversidades, mantive firme o meu sonho de um dia me tornar doutor, e essa determinação me impulsionava a seguir em frente.

Bolsas de estudo, auxílios financeiros, programas de permanência estudantil e políticas de ação afirmativa são instrumentos essenciais para garantir que estudantes de grupos historicamente marginalizados possam ingressar e concluir os seus estudos universitários. A efetividade dessas políticas depende da sua implementação cuidadosa e da garantia de que realmente alcancem os estudantes que delas necessitam.

Além dos desafios internos à universidade, estudantes surdos negros também enfrentam barreiras externas que podem impactar o seu desempenho acadêmico. O transporte público inadequado, a violência urbana, a discriminação racial e a falta de apoio familiar são fatores que podem dificultar a permanência e o sucesso acadêmico.

As universidades têm a responsabilidade de compreender essas dinâmicas externas e de buscar formas de apoiar os seus estudantes de maneira holística. Parcerias com organizações comunitárias, serviços de apoio psicológico e programas de inclusão social são algumas das iniciativas que podem ajudar a mitigar esses desafios.

A superação desses obstáculos envolve a resiliência e a criatividade dos próprios estudantes. Histórias de sucesso de estudantes surdos negros na universidade frequentemente revelam uma combinação de determinação pessoal, apoio comunitário e utilização eficaz dos recursos disponíveis. A participação ativa em atividades extracurriculares, como grupos de

pesquisa, centros acadêmicos e movimentos estudantis, pode proporcionar oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional que complementam a formação acadêmica. Além disso, essas atividades podem servir como plataformas para a promoção da inclusão e da diversidade dentro do campus universitário.

A conclusão do curso de graduação representa um ponto de inflexão na trajetória de um estudante surdo negro, mas os desafios não terminam aí. A transição para programas de pós-graduação como especialização, bem como a inserção no mercado de trabalho, traz novas dificuldades e oportunidades.

A competitividade dos programas de pós-graduação, a necessidade de publicação em periódicos acadêmicos e a busca por financiamento para pesquisas são aspectos que podem ser especialmente desafiadores para estudantes de grupos marginalizados. A criação de programas de mentoria, o fortalecimento de redes acadêmicas e a promoção de políticas de inclusão nas agências de fomento são medidas que podem facilitar essa transição.

No mercado de trabalho, a combinação de discriminação racial e o capacitismo podem criar barreiras adicionais para a inserção profissional de graduados surdos negros. A conscientização e a sensibilização das empresas, a implementação de políticas de inclusão no ambiente de trabalho e a promoção da diversidade são fundamentais para assegurar que esses profissionais tenham acesso a oportunidades equitativas. A formação de alianças entre as universidades e o setor privado, através de estágios, programas e feiras de recrutamento inclusivas, pode ajudar a criar pontes entre a academia e o mercado de trabalho.

A experiência de ser um estudante surdo negro na universidade é marcada por uma série de desafios significativos, mas também por inúmeras oportunidades de superação e crescimento.

A construção de um ambiente acadêmico verdadeiramente inclusivo requer um compromisso contínuo de todos os atores envolvidos, desde os próprios estudantes até os professores, administradores e formuladores de políticas públicas.

Somente através de uma abordagem integrada e colaborativa será possível assegurar que estudantes surdos negros possam alcançar o seu pleno potencial acadêmico e profissional, contribuindo de maneira significativa para a sociedade.

Também tenho pós-graduação lato-sensu (Especialização) em Tradução e Interpretação Língua Brasileira de Sinais (Libras) pelo Centro Universitário Cândido Rondon (Unirondon).

No início da minha primeira pós-graduação semipresencial, em 2012, com aulas aos sábados nos períodos matutino e vespertino, enfrentei diversas dificuldades, principalmente

na comunicação e na escrita, devido à falta de intérprete de Libras para me auxiliar. Os meus colegas ouvintes se mostraram solidários e me ajudavam sempre que possível nas atividades das disciplinas.

Eles ficaram surpresos ao descobrir que havia dois estudantes com deficiência auditiva matriculados em uma grande universidade sem o suporte de um intérprete de Libras. Quando perguntei à coordenadora sobre a disponibilidade de intérpretes no Centro Universitário Cândido Rondon (Unirondon), ela respondeu que não havia.

Os professores também reconheciam a necessidade de um intérprete em sala de aula, e a minha turma compartilhava dessa opinião, acreditando que eu tinha direito a esse recurso. Meus colegas tentavam se comunicar comigo por meio de gestos e oralidade, demonstrando boa vontade e disposição para me ajudar.

Apesar do esforço, as dificuldades persistiam, especialmente durante as atividades em grupo, seminários e apresentações. Eu enfrentava grandes desafios para entender as disciplinas, o que me fazia sentir isolado e frustrado. Ver os meus colegas rindo sem considerar a minha situação me deixava irritado e magoado, pois eu esperava respeito e compreensão, já que estava enfrentando os desafios sozinho.

No entanto, com o tempo, consegui conquistar a amizade e o respeito dos meus colegas, o que me motivou a continuar os meus estudos. Essa mudança foi fundamental para mim. Além disso, eu enfrentava desafios diários para chegar à universidade, utilizando transporte coletivo ou pegando carona com colegas.

Também tenho pós-graduação lato-sensu (Especialização) em Libras e Educação Inclusiva, pelo Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT).

Na minha segunda pós-graduação, ME matriculei na Universidade Aberta do Brasil (UAB/EaD), na cidade de Pedra Preta, Mato Grosso, durante os anos de 2019 a 2021.

Também participei do processo seletivo do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso, em Várzea Grande (IFMT/VG). Na época, eu já residia em Rondonópolis. Durante esse período, estávamos enfrentando a pandemia de Covid-19, e infelizmente não havia intérprete de Libras disponível, o que me fez continuar enfrentando as mesmas dificuldades de comunicação e falta de acessibilidade.

Entre os alunos do curso, éramos dez surdos, enquanto os demais eram ouvintes. Alguns dos estudantes surdos desistiram devido à dificuldade de comunicação. Nós pedimos à coordenação que disponibilizasse intérpretes de Libras, mas nosso pedido não foi atendido. Decidi, então, encarar esse desafio e continuar os meus estudos. Com a graça de Deus, consegui finalizar o curso, o que me trouxe uma imensa sensação de felicidade e realização.

Os professores, os especialistas, os mestres e os doutores disponibilizavam todas as atividades, questionários e provas online na plataforma de educação a distância, mas infelizmente sem oferecer recursos de acessibilidade adequados.

A maior dificuldade que enfrentei foi a ausência de intérprete de Libras, o que tornou o processo de aprendizado mais desafiador.

No entanto, a modalidade EaD também apresentou vantagens significativas para mim. Ela me permitiu ter autonomia para escolher os horários de estudo, o que foi fundamental para gerenciar meu tempo e ritmo de aprendizado. Além disso, a troca de experiências com os colegas por meio de videochamadas foi essencial para a interação e a superação dos desafios, criando um ambiente de apoio e colaboração

6 - ME TORNEI UM PROFESSOR SURDO CONCURSADO NA SEMED DO MUNICÍPIO DE RONDONÓPOLIS, EM MATO GROSSO

Sou professor concursado desde 2012 na Secretaria Municipal de Educação de Mato Grosso (SEMED/MT), no município de Rondonópolis, como pedagogo no Ensino Fundamental para o Ensino de Libras. Atualmente, atuo na Escola Municipal de Educação Básica Padre João Paulo Nolli e também como assessor pedagógico no Departamento de Gestão de Educação Inclusiva.

A minha atuação profissional se concentra no desenvolvimento de pesquisas sobre inclusão social e escolar, com foco na formação contínua de professores de Libras e no atendimento a pessoas surdas. Essa experiência tem sido enriquecedora e desafiadora, me permitindo contribuir para a melhoria da educação inclusiva no município.

Ingressei na Rede Municipal de Ensino por meio de concurso público, e desde então tenho trabalhado na periferia de Rondonópolis/MT, onde pude vivenciar as necessidades e os desafios da comunidade e desenvolver estratégias para superá-los.

Pela primeira vez em minha vida, tomei a decisão de participar de um concurso público, uma decisão que redefiniu a minha trajetória profissional. Até então, a minha experiência na educação era limitada a iniciativas isoladas. No entanto, o concurso representava uma oportunidade de ingressar na Rede Municipal de Ensino, um passo crucial para consolidar a minha carreira como professor.

Em 2010, quando soube da abertura do concurso para professores municipais, uma onda de expectativa se espalhou entre meus colegas e eu. Embora residisse em Cuiabá/MT na época, a perspectiva de enfrentar esse desafio me trouxe um misto de incertezas e esperanças. Estava determinado a provar minha capacidade e superar os obstáculos. Muitos dos meus colegas, tanto ouvintes quanto surdos, também se inscreveram, cada um com suas próprias expectativas e sonhos.

A concorrência para as vagas destinadas a pessoas com deficiência era intensa, com cinco candidatos disputando uma posição. Eu me esforcei ao máximo para garantir uma das vagas, e quando o resultado foi divulgado, a alegria foi indescritível ao ver meu nome na quarta colocação. A aprovação não foi apenas um sucesso pessoal, mas também um triunfo compartilhado com os colegas ouvintes que também foram aprovados. Saber que consegui uma das poucas vagas disponíveis foi um marco importante na minha vida, uma confirmação de que todo o esforço valeu a pena.

Em 2012, finalmente tomei posse como o primeiro professor surdo concursado na SEMED do município de Rondonópolis/MT. Essa conquista foi o resultado de uma jornada marcada por desafios, mas também por muita fé e determinação. Durante as provas, contei com o apoio inestimável de uma intérprete de Libras, que foi essencial para que eu pudesse demonstrar todo o meu potencial. Com a graça de Deus e muito esforço, consegui superar as dificuldades e alcançar esse objetivo.

A aprovação não só me trouxe uma imensa sensação de felicidade, como também foi uma experiência profundamente enriquecedora que fortaleceu minha confiança e meu compromisso com a educação inclusiva. Uma vez aprovado no concurso e efetivado como professor na SEMED de Rondonópolis, a experiência de ensinar em um ambiente educacional majoritariamente ouvinte apresentou desafios e oportunidades únicas.

Além dos aspectos técnicos do ensino, a minha jornada na Educação Infantil e no Ensino Fundamental também foi marcada por uma profunda reflexão sobre a minha identidade como professor surdo.

Para Hall (2005, p. 117), a identidade “[...] é formada ao longo do tempo, não como algo inato, nem pré-definido, estando sempre incompleta, em processo contínuo de formação”. A necessidade de enfrentar o preconceito de colegas, alunos e pais exigiu uma constante reafirmação do meu valor como educador e indivíduo. A superação desses obstáculos exigiu uma dose extra de determinação e autoconfiança, fortalecendo a minha convicção na importância da inclusão e da diversidade na educação.

A atuação em sala de aula exige o uso de metodologias inclusivas, as quais devem atender a todos os alunos, promovendo a acessibilidade e a diversidade linguística e cultural. A utilização de Libras como meio de instrução não apenas facilita a comunicação com alunos surdos, mas também enriquece a experiência educativa dos alunos ouvintes, promovendo a empatia e a compreensão da diversidade.

A prática pedagógica de um professor surdo envolve a criação de um ambiente de aprendizagem inclusivo, onde todos os alunos se sintam valorizados e respeitados. A

implementação de recursos visuais, tecnologias assistivas e estratégias de ensino bilíngue são essenciais para garantir a eficácia do processo de ensino-aprendizagem. Além disso, a formação contínua e a participação em programas de desenvolvimento profissional são cruciais para a atualização de práticas pedagógicas e a melhoria da qualidade do ensino.

A presença de um professor surdo na SEMED de Rondonópolis também desempenha um papel significativo na promoção da inclusão e na sensibilização da comunidade escolar para as questões relacionadas à surdez e à acessibilidade. A interação com colegas, alunos e pais contribui para a quebra de preconceitos e estereótipos, demonstrando que a surdez não é uma limitação, mas uma característica que enriquece a diversidade humana.

A realização de palestras, workshops e eventos sobre a importância da Libras e a inclusão de pessoas surdas são estratégias eficazes para ampliar o conhecimento e a conscientização da comunidade escolar.

Além do ambiente escolar, o papel de um professor surdo concursado se estende à participação em políticas públicas e na defesa dos direitos da comunidade surda. A atuação em conselhos de educação, comitês de acessibilidade e fóruns de discussão sobre inclusão educativa permite influenciar a elaboração e a implementação de políticas que promovam a equidade e a justiça social.

A contribuição para a criação de diretrizes e normativas que assegurem a acessibilidade e a valorização da Libras é fundamental para a construção de um sistema educacional inclusivo. Um professor surdo concursado também busca formar novas gerações de educadores.

A participação em programas de mentoria e a orientação de futuros professores surdos contribuem para a construção de uma rede de apoio e para o fortalecimento da comunidade surda no campo da educação.

No futuro, é possível que o trabalho acadêmico se torne uma forma viável para muitos, especialmente por meio de pesquisas orientadas por mentores experientes e com materiais específicos sobre o tema. Essa pesquisa poderá servir como uma base para que pesquisadores surdos compreendam melhor como se desenha o processo de programas e encontros na universidade, que cada vez mais assume a diversidade e a inclusão de professores surdos. No âmbito social, o que esperamos é que essa inclusão traga maior visibilidade, respeito e comprometimento em relação aos professores surdos. A troca de experiências e o compartilhamento de conhecimentos são essenciais para capacitar novos docentes e garantir a continuidade das práticas inclusivas.

A conquista de se tornar um professor surdo concursado é uma narrativa de resiliência, dedicação e compromisso com a educação inclusiva. A experiência acumulada ao longo dessa trajetória reflete a importância da acessibilidade, da valorização da diversidade e da implementação de políticas públicas que promovam a igualdade de oportunidades.

Para Scott (1995, p. 2), “[...] diversidade refere-se a uma pluralidade de identidades, e é vista como uma condição de existência humana e não como um efeito de uma enunciação da diferença que constitui as hierarquias e assimetrias de poder”. A presença de educadores surdos no sistema educacional é um marco significativo na luta por uma sociedade mais justa e inclusiva, onde todos os indivíduos, independentemente de suas características, possam exercer plenamente seus direitos e contribuir para o desenvolvimento coletivo.

Como professor surdo, a escolha dessa área de atuação exigiu uma cuidadosa reflexão sobre as minhas habilidades, as necessidades das crianças e as estratégias pedagógicas mais adequadas. A diversidade de habilidades, interesses e necessidades de estudantes no Ensino Médio representa um dos principais desafios enfrentados pelo professor surdo. A heterogeneidade da turma, aliada à escassez de recursos e suportes adequados, torna a tarefa de planejar e ministrar aulas desafiadora.

Segundo Rocha (2017), a falta de familiaridade de colegas de trabalho e da equipe administrativa com a surdez pode gerar obstáculos adicionais. A comunicação entre o professor surdo e seus colegas, muitas vezes requer adaptações e esforços extras para garantir uma compreensão mútua. A ausência de sensibilização e capacitação para lidar com a diversidade surda pode resultar em isolamento e dificuldades de integração no ambiente escolar.

Ainda para Rocha (2017), o acesso a recursos e tecnologias adequadas também é fundamental para o sucesso do professor surdo no Ensino Médio. Equipamentos de amplificação sonora, sistemas de transmissão FM, intérpretes de Libras e materiais didáticos adaptados são apenas algumas das ferramentas que podem facilitar a comunicação e o ensino em sala de aula. No entanto, a disponibilidade e a acessibilidade desses recursos nem sempre são garantidas, o que pode limitar as possibilidades de ensino e aprendizagem.

Os aspectos práticos e as questões emocionais e sociais também podem representar desafios significativos para o professor surdo no Ensino Médio. O enfrentamento do preconceito e da discriminação, tanto por parte dos alunos quanto da comunidade escolar em geral, pode afetar negativamente o bem-estar emocional e a autoestima do professor. A necessidade de constantemente ter que provar a sua competência e capacidade, muitas vezes

em um ambiente que desvaloriza as pessoas surdas, pode gerar um desgaste emocional significativo. (Mendes; Figueiredo; Ribeiro, 2015 p. 33).

A comunicação, elemento central no processo de ensino-aprendizagem, assumiu um papel ainda mais crucial neste contexto, exigindo um aprimoramento constante de minhas habilidades em Libras e a busca por alternativas criativas para garantir a compreensão mútua com os alunos(Goldfeld, 2002).

A interação com as crianças na Educação Infantil se revelou uma experiência enriquecedora, marcada por espontaneidade, curiosidade e capacidade de aprendizado inerentes a essa faixa etária. A linguagem visual e tátil, características da Libras, se mostrou especialmente eficaz na comunicação com os pequenos, permitindo uma interação genuína e significativa. O uso de recursos visuais, jogos educativos e atividades lúdicas se tornou uma parte integrante do meu repertório pedagógico, facilitando o processo de ensino e estimulando o desenvolvimento cognitivo e socioemocional das crianças.

O professor surdo no Ensino Médio também encontra oportunidades únicas para promover a inclusão e a diversidade. A sua própria presença em sala de aula desafia estereótipos e preconceitos, demonstrando que a surdez não é uma limitação para o exercício da profissão docente. Ao compartilhar sua experiência pessoal e sua cultura surda com os alunos, o professor pode enriquecer o ambiente educacional e promover uma maior compreensão da diversidade humana (Mendes; Figueiredo; Ribeiro, 2015, p. 33).

Os desafios no Ensino Médio para um professor surdo são numerosos e variados, envolvendo questões práticas, emocionais e sociais. No entanto, com o apoio adequado, a conscientização da comunidade escolar e o acesso a recursos e tecnologias apropriadas, é possível superar esses obstáculos e criar um ambiente inclusivo e enriquecedor para todos os alunos, independentemente de suas características individuais.

Também sou membro do Conselho Municipal e Estadual dos Direitos da Pessoa com Deficiência de Mato Grosso, além de militante no movimento da pessoa com surdez.

Trabalho com a educação de pessoas surdas, especificamente com a temática "herança na surdez", na qual apresento a história de surdos e a herança linguística obtida por meio da Libras.

Ao adotar o discurso pedagógico, é possível reavaliar as minhas próprias práticas, organizando estratégias para que o ensino seja fomentado da melhor forma possível.

É importante fomentar em seus processos formativos a necessidade de reavaliação constante de suas práticas pedagógicas, as constituindo a partir da alteridade, de base

conceptual consistente e, principalmente, por meio de vivências adquiridas em contato com pessoas com surdez.

A trajetória de se tornar um professor surdo concursado configura uma narrativa rica e complexa, refletindo os desafios, as conquistas e a contínua busca por inclusão e reconhecimento.

O papel de educador surdo em um sistema educacional predominantemente projetado para ouvintes representa não apenas um avanço pessoal, mas também um marco na luta por direitos e acessibilidade para a comunidade surda.

A decisão de seguir a carreira de docente, especialmente para uma pessoa surda, exige um comprometimento profundo com a educação e uma dedicação incansável para superar barreiras sistemáticas.

O processo de formação acadêmica, desde a graduação até a pós-graduação, demanda uma adaptação contínua e um esforço adicional para garantir a equidade no acesso ao conhecimento. Instituições de Ensino Superior, muitas vezes, carecem de recursos adequados para atender às necessidades de estudantes surdos, como intérpretes Libras, materiais didáticos acessíveis e infraestrutura adaptada. Ao ingressar na carreira docente, os desafios se intensificam, especialmente no contexto de um concurso público. A realização de provas teóricas e práticas com o apoio de intérpretes de Libras e a garantia de acessibilidade nas etapas do concurso são aspectos fundamentais para assegurar a inclusão de candidatos surdos.

Foto 7 - Com colegas de trabalho na Secretaria Municipal de Educação de Rondonópolis.



Fonte: Acervo do autor.

Foto 8 - No trabalho. Escola Municipal Derci Rodrigues de Almeida, na Zona Rural de Rondonópolis.



Fonte: Acervo do autor.

Foto 9 - No trabalho. EMEI Cora Coralina.



Fonte: Acervo do autor.

Foto 10 - No trabalho. Escola Municipal Renilda Soares.



Fonte: Acervo do autor.

7 - UM PROFESSOR SURDO CHEGA EM UM MESTRADO EM EDUCAÇÃO: A CONQUISTA DE UM SONHO

Foto 11 - Em sala de aula, com colegas e professor no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco (PPGE/UCDB).



Fonte: Acervo do autor.

A trajetória de um professor surdo que alcança o mestrado representa um marco significativo tanto em termos individuais quanto sociais. A conquista de um sonho que, para muitos, pode parecer inatingível, é resultado de uma combinação de determinação pessoal, apoio institucional e evolução das políticas de inclusão. Esse percurso, no entanto, não se desenrola sem obstáculos consideráveis.

No final de 2022, participei do processo seletivo para o Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco (PPGE/UCDB), em

Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Uma das etapas do processo consistia na apresentação de um pré-projeto de pesquisa, seguida de uma entrevista online. Após a realização dessas etapas, o resultado foi divulgado e fiquei sabendo que havia sido aprovado. Essa notícia me trouxe grande alegria, pois representava o início de um sonho que eu vinha perseguinto há algum tempo. Inclusive, eu já havia participado de outro processo seletivo anteriormente, mas não havia sido aprovado. Portanto, essa aprovação foi um marco importante para mim.

Após ser chamado pelo Programa, compareci à instituição para obter orientações e informações necessárias para realizar a matrícula. Além disso, tive a oportunidade de conversar diretamente com a coordenação do programa, ocasião em que destaquei a necessidade de um intérprete de Libras para me apoiar durante o curso. Essa solicitação foi fundamental para garantir o acesso e a participação plena no Programa, amparado pela Lei Brasileira de Inclusão. Meu objetivo era conquistar o título de Mestre em Educação, um sonho que se tornou ainda mais significativo após concluir a graduação. Como professor surdo, busco aprofundar meus conhecimentos e ampliar minha influência no campo educacional, superando os desafios e alcançando novas oportunidades.

A admissão em um programa de mestrado, no entanto, requer uma preparação intensa, que envolve não apenas o cumprimento de requisitos acadêmicos, mas também a superação de preconceitos e estereótipos ainda presentes nas instituições acadêmicas. Durante o mestrado, a pesquisa acadêmica se tornou uma ferramenta poderosa para explorar e abordar questões relacionadas à surdez e à educação de surdos.

A escolha do tema de pesquisa é frequentemente influenciada pelas experiências vividas, levando a investigações que buscam melhorar as práticas pedagógicas e as políticas educacionais voltadas para a comunidade surda.

O pré-projeto que apresentei foi “O Ensino da Matemática Adaptado por Meio da Libras: Um Estudo Sobre as Práticas Pedagógicas de Professores Surdos Bilíngues do Município de Rondonópolis, Mato Grosso”. Após aprovação, o projeto foi desenvolvido em colaboração com o meu orientador durante os dois primeiros semestres, em 2023, o meu primeiro ano no programa. Durante o primeiro e segundo semestres, cursei as disciplinas obrigatórias e optativas exigidas pelo Programa, complementando, assim, o meu desenvolvimento acadêmico e aprofundando os meus conhecimentos na área de Educação.

Em 2023, quando ingressei no curso de mestrado, enfrentei um desafio inesperado. Após conversar com a secretária do programa, fui informado que não haveria intérprete de Libras disponível para as aulas. Essa notícia me causou grande frustração e preocupação, pois sabia que a falta de acessibilidade comprometeria a minha capacidade de acompanhar as

atividades. Determinado a garantir meu direito à acessibilidade, procurei o Ministério Público do Mato Grosso do Sul. Após uma espera de duas semanas, finalmente consegui a nomeação de um intérprete, o que me permitiu participar plenamente de todas as atividades do mestrado e ter um aprendizado significativo.

Realizar o mestrado em Campo Grande exigiu viagens frequentes de 500 km de ida e volta, o que apresentou desafios significativos de deslocamento e adaptação a novos locais. Durante os semestres, participei de aulas e orientações com o apoio fundamental de um intérprete de Libras, que esteve presente tanto nas disciplinas quanto nos encontros com o meu orientador. A presença do intérprete foi essencial para garantir a acessibilidade e tornar a experiência de aprendizado mais significativa e enriquecedora para mim.

Durante o mestrado, participei de diversas disciplinas que abordaram temas relevantes sobre educação, sempre com o apoio de intérpretes que facilitaram a comunicação com os professores, incluindo o meu orientador, o professor Heitor Queiroz. Me dediquei intensamente aos textos e projetos propostos, aprendendo que a persistência é fundamental para superar obstáculos. Através da leitura de autores como Enrique Dussel, pude compreender como o discurso colonial, baseado na lógica da modernidade, criou e perpetuou privilégios para si mesmo, subalternizando e marginalizando aqueles que não se encaixam no modelo hegemônico do colonizador. Assim, a modernidade violou e oprimiu corpos de povos originários, mulheres, povos do campo, povos das florestas, povos das águas, homens e mulheres pretas, LGBTQIA+, quilombos, bem como de pessoas com deficiência.

Nesse sentido, Oliveira (2024) afirma, ao refletir sobre a existência de uma pedagogia decolonial surda, que

As Pessoas com Deficiência, dentre elas as pessoas surdas, estão presentes dentro do polo do Não-ser, uma vez que seus corpos não apresentam e nem se encaixam no padrão dos corpos perfeitos, o que acarreta uma identidade fragmentada, ou seja, um corpo pela metade, isto é, um corpo incompleto. Nesse debate, a modernidade trabalha a lógica colonial nas mentes, nos corpos, na língua padrão dominante, na subjetividade do outro negado, havendo uma negação e uma invisibilidade em seus processos formativos, educativos e culturais. Essa experiência me ensinou a acreditar em mim mesmo e no poder transformador da educação. (Oliveira, 2024. p. 3)

Durante os semestres, realizei viagens frequentes, utilizando tanto meu veículo particular quanto carros alugados, para participar das aulas. Infelizmente, em uma dessas ocasiões, fui vítima de um assalto e meu carro foi roubado. Esse incidente ocorreu em uma cidade distante e desconhecida, o que me causou grande susto e problemas de saúde. No entanto, me mantive firme em meus estudos e atividades de pesquisa, determinado a superar

obstáculos e alcançar meus objetivos, sem deixar que esses eventos adversos me desviassem do meu propósito.

Outra atividade relevante no mestrado foi a participação no Grupo de Pesquisa Diversidade Cultural, Educação Ambiental e Arte, coordenado por meu orientador. As reuniões ocorriam quinzenalmente às quartas-feiras à tarde, onde discutíamos diversos temas e acompanhávamos qualificações e defesas de dissertações e teses. Essa experiência foi fundamental para compreender o processo de desenvolvimento de pesquisas e como deveria proceder em momentos importantes do meu mestrado.

Foto 12 - Participação em atividade online do Grupo de Pesquisa Diversidade Cultural, Educação Ambiental e Arte, com intérprete.



Fonte: Acervo do autor.

Foto 13 - Participação em Colóquio do Grupo de Pesquisa Diversidade Cultural, Educação Ambiental e Arte, com intérprete.



Fonte: Acervo do autor.

A elaboração de uma dissertação de mestrado exige um rigor metodológico e uma capacidade de articulação que são desafiadoras, mas não insuperáveis, para o professor surdo. O acesso a bibliografias e recursos acadêmicos é outro aspecto crucial, mas as bibliotecas e

bases de dados acadêmicos precisam ser inclusivas, oferecendo materiais em formatos acessíveis. A colaboração com outros pesquisadores e a participação em eventos acadêmicos também são componentes essenciais para o desenvolvimento profissional e acadêmico do professor surdo.

A tecnologia também desempenha um papel vital nesse contexto, proporcionando ferramentas que facilitam a comunicação, a pesquisa e o acesso à informação.

O reconhecimento da Libras como uma língua oficialmente reconhecida e a promoção de políticas de inclusão têm sido fundamentais para criar um ambiente mais acolhedor para professores surdos no ensino superior.

A Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, define, em seu artigo 1º, que a Língua Brasileira de Sinais (Libras) é reconhecida como meio legal de comunicação e expressão e outros recursos de expressão a ela associados, sendo que o Decreto nº 5.626/2005, de 22 de dezembro de 2005, regulamenta que o seu uso e a formação de profissionais capacitados representam avanços significativos. No entanto, a implementação prática dessas políticas ainda enfrenta desafios que precisam ser continuamente abordados e aprimorados.

A trajetória de um professor surdo no mestrado também destaca a importância da educação inclusiva e da formação de professores competentes em Libras e sensíveis às questões da surdez. A capacitação contínua de educadores e a promoção de práticas pedagógicas inclusivas são essenciais para assegurar que os estudantes surdos recebam uma educação de qualidade desde os primeiros anos escolares até o ensino superior. Finalmente, a conquista de um mestrado por um professor surdo simboliza a culminância de uma luta contínua por reconhecimento e igualdade. A sua trajetória é um testemunho da importância de políticas públicas inclusivas, solidariedade comunitária e perseverança individual.

Foto 14 - Intérprete de Libras em Seminário de Pesquisa.



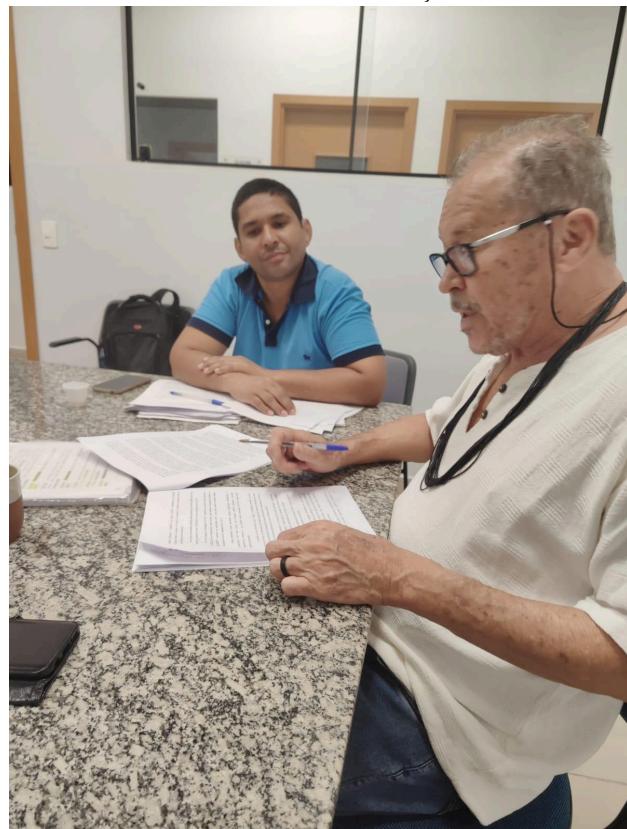
Fonte: Acervo do autor.

Foto 15 - Em atividade de orientação de mestrado.



Fonte: Acervo do autor.

Foto 16 - Em atividade de orientação de mestrado.



Fonte: Acervo do autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa trajetória reafirma a importância do conhecimento como ferramenta de transformação pessoal e social. A minha experiência como estudante e profissional negro surdo destaca os desafios persistentes na acessibilidade educacional e linguística. No entanto, também demonstra que, com determinação, apoio adequado e oportunidades de formação, é possível superar barreiras e contribuir ativamente para uma educação mais humana e inclusiva, garantindo a acessibilidade linguística como um direito humano e universal.

Destaco a importância do apoio do meu orientador, que foi fundamental para a minha trajetória, bem como o trabalho dos intérpretes, que desempenharam um papel crucial ao longo desse percurso. Aprendi que enfrentar obstáculos não significa retroceder, mas sim seguir construindo um caminho sólido dentro da pós-graduação.

Ao concluir essa dissertação e avançar para a fase de defesa, celebro não apenas essa conquista acadêmica, mas também o fortalecimento do meu compromisso com a luta por uma sociedade mais acessível e igualitária. Espero que a minha trajetória inspire outros estudantes surdos a persistirem em seus sonhos e reforço a necessidade contínua de políticas e práticas que garantam o direito à educação de qualidade para todos.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi Kharshedji. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: UFMGSSD, 1998.
- BISOL, Cláudia; VALENTINI, Carla Beatris. **Cultura Surda**. Objeto de Aprendizagem Incluir. UCS/FAPERGS, 2011. Disponível em: http://www.grupoelri.com.br/Incluir/downloads/OA_SURDEZ_Cultura_Surda_Texto.pdf. Acesso em: 23 de setembro de 2024.
- BOFF, Leonir Amantino. **As Políticas Públicas de Educação de Jovens e Adultos Implementadas no Estado de Mato Grosso no período 1991/2001**: Internalidade e Diálogos com o Mundo da Vida dos Jovens e Adultos. Porto Alegre. 2002, 254 p. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/80038>. Acesso em: 23 de janeiro de 2023.
- BRAGA, Rosa Maria da Cruz. **Para Além do Silêncio**: Outros Olhares Sobre a Surdez e a Educação de Surdos. São Leopoldo. 2006, 93 p. Dissertação (Mestrado). Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Disponível em: <https://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/1910/para%20alem%20d0%20silencio.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 30 de março de 2024.
- BUENO, Belmira Oliveira. O método Autobiográfico e os Estudos com Histórias de Vida de Professores: A Questão da Subjetividade. **Educação e Pesquisa**: São Paulo, v. 28, n. 1, p. 11-30, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/fZLqw3P4fcfZNKzjNHnF3mJ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 de junho de 2024.
- FERNANDES, Sueli. **Educação Bilíngue para Surdos**: Trilhando Caminhos para a Prática Pedagógica. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 2004.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes Necessários à Prática Educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisas**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.
- GESSER, Audrei. **Libras? Que Língua é Essa?**: Crenças e Preconceitos em Torno da Língua de Sinais e da Realidade Surda. São Paulo: Parábola, 2009.
- GOLDFELD, Márcia. **A Criança Surda**: Linguagem e Cognição Numa Perspectiva Sociointeracionista. São Paulo: Plexus, 2002.
- HALL, Stuart. **A Centralidade da Cultura**: Notas Sobre as Revoluções Culturais do Nossa Tempo. **Educação e Realidade**: Rio Grande do Sul, v. 2, n. 2, 1997. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71361/40514>. Acesso em: 24 de outubro de 2023.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora**: Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HALL, Stuart. **Identidades Culturais na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HALL, Stuart. **Quem Precisa de Identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e Diferença: A Perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. **Habitantes de Babel: Políticas e Poéticas da Diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise; MAROSTEGA, Vera Lucia. **Identidade, Cultura e Diferença: Elementos para Pensar a Educação de Surdos**. In.: LOPES, Maura Corcini (Org.). **Cultura Surda e Libras**. Editora Unisinos, 2012, 119-129.

MORAIS, Joelson de Sousa; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Sousa. **Pesquisa Formação Narrativa (Auto)Biográfica: Da Tessitura de Fontes aos Desafios da Interpretação Hermenêutica**. Curitiba: Cultura Surda e Libras, 2021, p. 119-129.

OLIVEIRA, Valéria Marques de; SATRIANO, Cecília Raquel. **Narrativa Autobiográfica do Próprio Pesquisador como Fonte e Ferramenta de Pesquisa. Linhas Críticas**: Brasília, v. 23, n. 51, p. 369-386, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/8231>. Acesso em: 30 de dezembro de 2024.

OLIVEIRA, Waldma Maira Meneses de. **Por uma Pedagogia Decolonial Surda: O Sinalizar do Outro nos Preceitos de Enrique Dussel**. **Revista Cocar**: Pará, n. 24, p. 1-20, 2024. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/8326>. Acesso em: 30 de dezembro de 2024.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Perin. **Entre a Vida e a Formação: Pesquisa (Auto)Biográfica, Docência e Profissionalização**. **Educação em Revista**: Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 369-386, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/hkW4KnyMh7Z4wzmLcnLcPmg/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 30 de dezembro de 2024.

PEREIRA, Lorena Maria Borges; SANTOS, Luma Brisa Pereira dos. SOARES, Maria den Fátima Cardoso. **Educação Inclusiva: Desafios e Realidade do Ensino de Química para Alunos Surdos**. In: SOARES, Maria de Fátima Cardoso (Org.). **A Docência em Ciências Naturais: Olhares sobre Diferentes Contextos**. Parnaíba: Instituto Federal do Piauí, 2018, p. 134-159.

PESSÔA, Everton; QUADROS, Ronice Müller de. **Libras**. São Paulo: Parábola, 2020.

PINTO, Michele Moraes; PENA, Graziele Borges de Oliveira. **Narrativas (Auto)Biográficas: Um Estudo Sobre os Pressupostos Teóricos para a Produção de História de Vida de uma Professora de Química Quilombola**. In: PANIAGUA, Cleiseano Emanuel da Silva (Org.). **O Papel da Química Entre as Ciências Naturais**. Ponta Grossa: Atena, 2023, p. 1-13.

QUADROS, Ronice Muller; PERLIN, Gladis. **Estudos Surdos II**. Petrópolis: Arara Azul, 2007.

ROCHA, Artur Batista de Oliveira. O Papel do Professor na Educação Inclusiva. **Ensaios Pedagógicos**: São Paulo, v. 7, n. 2, p. 1-11, 2017. Disponível em: <https://www.opet.com.br/faculdade/revista-pedagogia/pdf/n14/n14-artigo-1-O-PAPEL-DO-PROFESSOR-NA-EDUCACAO-INCLUSIVA.pdf>. Acesso em: 19 de abril de 2024.

SANTOS, Jociane Marthendal Oliveira; ESTEVAM, Rebeca Anselmo; MARTINS, Thiago de Melo. Pesquisa (Auto)Biográfica. **Ensaios Pedagógicos**: São Paulo, v. 2, n. 1, p. 45-53, 2018. Disponível em: <https://www.ensaiospedagogicos.ufscar.br/index.php/ENP/article/view/64>. Acesso em: 31 de dezembro de 2024.

SCOTT, Joan Wallach. **Multiculturalismo e a Política da Identidade**. In: RAJCHMAN, John (Org.). The Identity in Question. Nova York: Routledge, 1995. p. 3-12.

VILHALVA, Shirley. **Despertar do Silêncio**. Florianópolis: Arara Azul, 2004.